

# REVISTA MODERNA

Magazine Brasileiro

Director : M. Botelho

## Revista Moderna

Publicação Quinzenal Illustrada

Artes e Lettras

### Summario:

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO  
Luiz Serra

*Reprodução photographica do quadro de Salgado*

A IMPERATRIZ ISABEL DA AUSTRIA  
Marcus

*Photographias artisticas enviadas pelo  
nosso Correspondente de Vienna*

A CONSOADA

Abel Botelho

*Com uma illustração de Watkins*

A PAZ AMERICANA

M. Botelho

*Com 3 photographias*

REMINISCENCIAS  
DA HISTORIA BRAZILEIRA

A MORTE DE UM BRAVO

J. A. Montenegro

*Com o retrato do Conde de Porto Alegre e uma gravura  
da batalha de Curuzú*

A RAINHA LUIZA  
E MADAME CARNOT

C. Sertorio

*Com duas photographias*

CARVÕES

José de Figueiredo

*Illustração original de CÂNDIDO DA CUNHA*

A TOMADA DE KARTOUM

E. Jordano

*Com 6 illustrações*

ARTISTAS CELEBRES

JEANNE HADING

Espectador

*Com 2 retratos da celebre actriz*

O GOLPE D'ESTADO DE PEKIN

Thomas Sweet

*Com 2 photographias*

SPORT

Théodoro de Willy e S. Marcello

*Com 3 photographias instantaneas*

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ



Maria Amalia Vaz de Carvalho



# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

### BRAZIL

Um anno. . . . . 50\$000  
6 mezes. . . . . 30\$000  
Numero avulso. . . . . 2\$500

### FRANÇA

e outros paizes da União Postal.

Um anno . . . . . 40 francos  
6 mezes. . . . . 24 "  
Numero avulso. . . . . 2 "

### PORTUGAL

Um anno . . . . . 10\$000  
6 mezes. . . . . 5\$500  
Numero avulso. . . . . 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEQUINTES CASAS.

### AGENTES NO BRAZIL

Rio de Janeiro. . . . . A. LAVIGNASSE FILHO E C<sup>ia</sup>,  
Rua dos Ourives, n<sup>o</sup> 7.  
Pelotas, Porto Alegre e  
Rio Grande. . . . . CARLOS PINTO E C<sup>ia</sup>.  
São Paulo. . . . . CH. HILDEBRAND E C<sup>ia</sup>, CASA  
GARRAUX.  
Santos. . . . . F. MATTOS ET C<sup>ia</sup>, Rua 15 de  
Novembro.

Juiz de Fora e Minas-  
Geraes. . . . . CAPITÃO AVELINO LISBÔA.  
Pernambuco. . . . . LAEMMERT E C<sup>ia</sup>.  
Ceará. . . . . J. J. DE OLIVEIRA E C<sup>ia</sup>.  
Pará . . . . . J. B. DOS SANTOS E C<sup>ia</sup>.  
Ribeirão-Preto . . . . . ANGELO ALARIO E ANSELMO.  
S. Carlos do Pinhal. . . . . PÉCANTET.

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde  
LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C<sup>ia</sup>, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.  
A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Avisamos os nossos Leitores que foi completamente supprimida a Agencia e Deposito da "REVISTA MODERNA" na Librairie Nouvelle, boulevard des Italiens.

Serão de hoje em diante os nossos Agentes e Depositarios em Pariz as importantes Casas E. Flammarion et A. Vaillant, 12, boulevard des Italiens e Galerie de l'Odéon, 1-9 e 12-18, e P. Boulinier, 19, boulevard Saint-Michel.



Agosto de 1898

## ASSIGNATURAS

BRAZIL	
Anno . . . . .	50\$000
6 mezes . . . . .	30\$000
Numero avulso . . . . .	2\$500

UNIÃO POSTAL	
Anno . . . . .	40 francs
6 mezes . . . . .	24 —
Numero avulso . . . . .	2 —

PORTUGAL	
Anno . . . . .	10\$000
6 mezes . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	500

## REVISTA MODERNA

Com este presente numero completa a nossa publicação o seu primeiro anno de existencia.

Por todos aquelles que, trabalhando no mesmo labor podem com conhecimento de causa avaliar a somma de esforços que representa uma empresa como a nossa, estamos certos d'antemão que justiça nos será feita.

Ao grande publico, desconhecido da serie de miserias que constitue o cortejo obrigatorio de tentativas como esta, agradecemos de coração o seu julgamento soberano e imparcial, dispensando á Revista Moderna, na primeira phase da sua carreira, o acolho tão benevolo e animador que nos tem garantido a existencia, no meio das mil difficuldades encontradas em nosso caminho.

Sem os elementos de prestigio e autoridade moral necessarios ao emprehendimento de semelhante tarefa, procurei pela força de vontade e constancia, leval-a avante, patrocinada pela influencia poderosa do nome illustre de Eça de Queiroz que com abundancia do seu grand talento tem nos acompanhado dia a dia. A elle pois, devemos também este bello successo conquistado em todo o Brazil e que com confiança nos anima a emfrentar o segundo anno de lucta, mais que nunca dispostos a batalhar rudemente pela realisação de nossa idea e aperfeçoamento de nosso programma.

M. BOTELHO.

## OPRESENTE NUMERO

Offerecemos aos nossos leitores o numero 24 da «Revista» terminando com elle o primeiro anno de existencia e o segundo volume da nossa publicação.

Aproveitamos também o ensejo de apresentar ao publico brasileiro o retrato da distincta e festejada escriptora portugueza Maria Amalia Vaz de Carvalho a nossa

tão dedicada e intelligente collaboradora.

Procurando dar á Revista Moderna un caracter todo nacional, inauguramos com este «summario» uma nova secção que terá como titulo «Reminiscencias da historia brasileira» e que será um echo retrospectivo das mais brilhantes paginas das nossas glorias. O competente escriptor militar J. Montenegro, firma com talento e estylo esse primeiro artigo acompanhado de illustrações da epocha.

Abel Botelho o contista inexcusable, dá-nos «A consoada» pequena e encantadora historia, cheia a essa naturalidade verdadeira que elle tão bem sabe imprimir nas suas narrativas.

«Carvões» do joven e intelligente escriptor Figueiredo dá-nos o grato e feliz ensejo de offerecer ao publico uma artistica illustração original de Candido da Cunha, artista portuguez de muitissimo talento e de um bello futuro. O restante das secções profusamente illustradas e da maxima actualidade, procuram pela variedade do assumpto, captivar a attenção do leitor.

Que nos seja agora permitido diser duas palavras sobre esse longo e difficil caminho que acabamos de percorrer. Nascida a 15 de maio de 1897, completa a Revista Moderna a 15 de outubro de 1898 o seu primeiro anno de vida, tendo n'esse espaço de tempo publicado os seus 24 numeros, dos quaes 3 especiaes, 10 gravuras, hors texte, reproducções de quadros artisticos; uma serie de retratos dos escriptores de Brazil e Portugal, e ainda mais uma infinidade de trabalhos litterarios e desenhos ineditos dos mais notaveis litteratos e artistas d'esses dous países.

Representam esses 24 numeros, 2 bellos volumes de 800 paginas com 1500 gravuras, tudo cuidadosamente impresso em papel extra-fino o que de mais superior se emprega em publicações similares.

O nosso programma, salvo pequenos atrazos, completamente alheios a nossa vontade pois tudo fizemos para attenuar-lhe as consequências, foi, podemos mesmo diser, religiosamente cumprido.

O publico é testemunha da boa

vontade e franquesa que sempre tivemos em o servir, trabalhando a mãos largas e não admitindo na organisação dos nossos numeros esses mesquinhos systemas de economia ridicula que produzem em geral essas cousas nullas e de nenhum valor, constituindo a eterna e miseravel rotina das publicações antiquadas e pretenciosas.

Quando fundamos a «Revista» tinhamos positivamente em vista a organisação de um jornal moderno na mais estricta acceção da palavra. E essa organisação seguimos á risca, procurando sinceramente aproveitar para ella, todos os aperfeçoamentos da arte; e é assim que temos enviado para o Brazil e Portugal un genero de publicação completamente novo e que até ao nosso apparecimento era de todo desconhecido n'esses paizes.

Essa mesma dedicação e boa vontade affirmamos ao publico que continuaremos e duplicaremos no nosso segundo anno e as mais energicas providencias serão dadas para a regularidade da marcha.

## O NOSSO PROXIMO NUMERO

Procurando desenvolver o mais possivel o cunho artistico da nossa publicação, começaremos com o proximo numero uma serie de reformas, d'entre as quaes a mais importante é o augmento do formato da **Revista Moderna**. Fasesmos um real e verdadeiro sacrificio para ainda melhor contentar o publico esforçando-nos no aperfeçoamento material da «Revista» e pretendendo faser d'ella um verdadeiro **Magazine Brasileiro**; uma especie de **illustração nacional**, largamente distribuida e lida em todo o Brasil.

Receberemos com prazer todas as communicações que interessarem o nosso paiz, dando-lhes a devida publicidade nas nossas columnas; e pedimos mesmo a todos os nossos leitores dos diversos estados que sejam os correspondentes espontaneos da **Revista** para todos os acontecimentos de importancia que se realizarem nas suas respectivas cidades. Estas correspondencias devem sempre ser acompanhadas de documentos illustrados, sem o que deixarão de ter maior interesse para o publico e

ficarão em desacordo com o lado artistico da nossa publicação.

O que poderemos diser da nossa parte litteraria, confia-la toda inteira aos mestres da velha e nova geração?

Que ella continuará a ser o objecto constante dos nossos desvelos, e que independentemente da brilhante e invejavel lista de collaboradores que conta a **Revista** ella tudo fará para que essa illustre phalange se augmente dia a dia.

O glorioso pontilhe da litteratura portugueza continuará a ser o grande amigo e o escutado director espiritual da nossa casa.

Grupados em torno desse nome consagrado de Eça de Queiroz gravitará a constellação dos grandes talentos do Brazil e Portugal que encontrarão sempre em nossas paginas o mais fraternal dos acolhos. Com o augmento de nosso formato alargaremos em grande escala os nossos desenhos e illustrações, podendo assim dar aos nossos leitores as mais importantes reproducções de gravuras de arte e de actualidades. Uma organisação de collaboradores em todas as grandes capitães da Europa e da America enviarão a **Revista Moderna** correspondencias mensaes sobre as factos mais importantes que se passarem em todo o Universo. A nossa capa completamente reformada será um primoroso desenho de variadas côres dando em cada numero um bellissimo retrato colorido da personalidade que emrecer as homenagens da **Revista**. O nosso supplemento de modas — com a maxima deferencia avisamos as nossas leitoras, apparecerá com a maior regularidade todos os trez meses, pois independente da nossa boa vontade nada encontraríamos de interessante e novo todos os mezes nos modelos das differentes toilettes. Em compensação faremos esse supplemento, desenhado por um grande especialista, artisticamente colorido e impresso com verdadeiro luxo. Poderá elle assim, ser religiosamente guardado pelas nossa leitoras que em caso de necessidade o consultarão como o arbitro infallível da elegancia e do bom gosto.

## A NOSSA COLLABORAÇÃO

N'estes 24 numeros, que temos publicado e que formam dois ele-



gantes volumes, tivemos a felicidade de poder inserir uma collaboração tão variada quão preciosa. Poucas Revistas no seu primeiro anno de existencia conseguiram dar aos seus leitores paginas firmadas pelos nomes ilustres que abaixo seguem e que representam o que de melhor ha nas litteraturas brasileira e portugueza.

E senão veja-se. Os collaboradores, d'este nosso primeiro anno são :

Eça de Queiroz, Coelho Neto, Trindade Coelho, Domicio da Gama, Conde de Ficalho, Magalhães de Azeredo, João da Camara, Olavo Bilac, Conde d'Arnosso Valentim Magalhães, Bataha Reis, Eduardo Prado, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Conde de Sabugosa, Filinto de Almeida, Henrique Lopes de Mendonça, Christovam Ayres, Raymundo Corrêa, Jayme de Seguiet, José Pessanha, Fontoura Xavier, Abel Botelho, Mariano Pina, Lui, de Magalhães, Pereira de Sampaio, Filinto d'Almeida, Xavier de Carvalho, Domingos Grimarães, Camara Lima, Arnaldo Fonseca, José Sarmiento, J. Arthur Montenegro, Alfredo Mesquita, Coelho de Carvalho, Henrique de Vasconcellos, Justino de Montalvão, Alfredo da Cunha, José de Figueiredo, Silva Bastos, A da Cunha, Anthero de Figueiredo, etc.

Alguns escriptores illustres, que já nos prometteram a sua collaboração, virão completar muito brevemente a nossa lista, e assim acabar de provar o quanto a **Revista Moderna** é considerada pelos verdadeiros artistas.

Quanto á collaboração artistas, teremos o prazer de dar este anno muitas illustrações e photographias de quadros ineditos dos mais distinctos pintores brasileiros e portuguezes a saber :

Pedro Americo, Souza Pinto, Weingartner, Salgado, Belmiro d'Almeida, Candido a Cunha, etc.

Como vê o nosso leitor a direcção da **Revista** não poupa esforços nem trabalhos para conseguir merecer a estima que o povo brasileiro lhe tem consagrado desde o seu inicio. E' verdade que para isso sobejamente tem concorrido a extrema amabilidade dos escriptores e artistas brasileiros e portuguezes aos quaes a **Revista Moderna** aqui exara os seus agradecimentos.

#### O nosso numero especial de Natal e Anno Bom.

Por todo o mez de Dezembro será publicado o nosso numero especial de Natal e anno Bom que d'esta vez procuramos fazer uma verdadeira obra-prima destinada a fazer grande successo no Brazil e Portugal.

Sob uma lindissima capa, obra de um grande artista muito apreciado pelos dois povos, achará o

leitor 40 paginas em bellissimo papel, cheias de interessantes e ineditos trechos de proza e verso, illustrados primorosamente por desenhadores celebres dos dois paizes. Muitas das illustrações serão a côres, e feitas por um processo que lhes dará um verdadeiro valor artistico.

Pelo mesmo processo serão feitos varios *hors-textes* que acompanharão este numero e que constituição verdadeiros quadros podendo ser emmoldurados como gravuras de bastante valor.

N'este numero será tambem encartado um supplemento musical, trecho inedito, feito expressamente para a Revista por um compositor celebre.

No proximo numero mais detalhadamente informaremos os nossos leitores a respeito d'este numero especial que será distribuido aos nossos assignantes sem augmento de Preço.

#### Brinde da Revista Moderna.

A nossa publicação, não poupando esforços nem despezas, contractou com uma das primeiras casas de gravura estrangeiras a encomenda de uma estampa colorida de grande belleza e vastas dimensões, que constituirá um brinde do valor de 20,000 reis, preço por que correntemente está á venda nos mercados europêos e que a Revista Moderna enviará gratuitamente e franco de porte a todos os seus assignantes, que tiverem renovado a sua assignatura annual antes do dia 31 de Dezembro, e ás pesso as que até essa data tomarem uma assignatura de um anno.

D'este brinde, que os nossos leitores avaliarão pelos *specimens* que em breve serão enviados aos nossos agentes, não podemos obter senão uma resumida tiragem e em pouco tempo será necessariamente raro.

No proximo numero minuciosamente descreveremos tão valiosa obra de arte.

#### BRAZILEIROS EM PARIZ

D<sup>r</sup> Costa Couto. — Tivemos o praser de receber a visita do distincto engenheiro brasileiro D<sup>r</sup> Costa Couto, encarregado da « Comissão dos Estudos dos Portos e Canaes Maritimos » e delegado actualmente em missão do governo, ao Congresso Internacional de navegação de Bruxellas.

D<sup>r</sup> Costa Couto que foi tambem o delegado da Sociedade dos Engenheiros Civis de França, no mesmo Congresso, fez ultimamente no vasto salão d'essa Sociedade em Paris, uma brilhante conferencia, sobre o palpitante assumpto da barra do Rio-Grande que tantas controversias tem provocado entre as grandes celebridades da engenharia moderna.

O sympathico e illustre profissional, numa exposição clara e completa demonstrou a exiçibilidade de do seu projecto que, digamos de passagem tem recebido a approvação unanime das corporações scientificas europeas e americanas. A sua conferencia acompanhada de projecções indicativas e á qual assistiam

muitos membros da Sociedade dos Engenheiros civis de França presididos pelo Sr. A. Loreau, o barão Guinette de Rochemont, chefe de secção no ministerio dos Trabalhos Publicos de Franca o ministro e o consul do Brasil em Paris, representantes da imprensa brasileira e franceza e um grande numero de compatriotas foi terminada em meio de applausos geraes sendo o conferencista vivamente felicitado por todos os seus collegas. No nosso proximo numero daremos com prazer nas columnas da Revista Moderna um artigo do D<sup>r</sup> Costa Couto sobre a sua conferencia que estamos certos muits interessará aos nossos leitores do Brasil e com especialidade aos nossos distinctos compatriotas Rio-Grandenses.

## RECEBEMOS

**Diccionario Encyclopedico da Lingua Portuguesa** — por Simões da Fonseca — illustrado com 1500 gravuras e numerosas cartas — H. Garnier, Livreros-Editores. — Eis uma obra verdadeiramente util que com todo o enthusiasmo recommendamos aos nossos leitores. De ha muito que no Brazil e em Portugal se fazia sentir a falta de uma publicação d'esta natureza, de um diccionario encyclopedico em portuguez, no genero do pequeno Diccionario Larousse, universalmente conhecido. Os Srs. Garnier com a sua longa pratica de edicções não recurrem perante os sacrificios que representa a publicação de semelhante trabalho e n'um elegante volume impresso com esmero e cuidadosamente illustrado, offerecem hoje aos dois povos o **Diccionario Encyclopedico da Lingua Portuguesa**.

N'elle encontrará o leitor a por do mais moderno e completo lexicon portuguez, tudo o que se necessita saber, e principalmente os conhecimentos historiose geographicos. Todos os homens celebres de Brazil e Portugal ahí têm pequenos mas authenticos retratos acompanhados de dados biographicos; esta brilhante serie é completada pela galeria de todos os homens celebres do universo inteiro, na sciencia nas artes ou na historia.

Mappas geographicos intercalados com profusão são preciosos elementos de estudo e para que o lado pitoresco não falte a tão consideravel obra todos os paizes do mundo ahí têm suas bandeiras com as respectivas côres.

A historia natural muito cuidada foi tambem sendo o nome de cada animal ou planta acompanhado da gravura que dá sua imagem que assim com facilidade se aprende e se fixa.

Em resumo o **Diccionario Encyclopedico da Lingua Portuguesa** é digno do successo que estamos certos terá nos dois paizes a que é destinado, e para elle muito concorrerá — a par da belleza da edição — o nome do seu autor : *Simões da Fonseca* sobejamente conhecido pela sua auto-

ridade em tal materia Agradecemos aos Srs. Garnier; o exemplar que nos enviaram.

**Vera-Cruz.** — Revista d'arte. Rio de Janeiro. — O ultimo numero que recebemos d'esta revista, a que já nos temos referido por varias vezes, continua com brilhantismo o programma novo e especial que esta publicação se impoz : litteratura nova e apresentação de novos. N'este fasciculo vêm os retratos de Antonio Austrogésilo, Emmanuel Carnero e Nestor Victor acompanhados de biographias e estudos criticos de Oliveira Gomes, Figueiredo Pimentel e Herméto Lima. Entre as numerosas poesias que adornam o folheto, não podemos fugir á tentação de arrancar para os nossos leitores o bello soneto que segue :

#### A ESTHER

Não é porque me pese ou me aborreça,  
O' melindrosa e meiga sensitiva!  
Que pouses no meu seio esta cabeça  
De joven leoa, sanguinaria e altiva.  
Nem porque no meu intimo floresça  
Um outro affecto, o minha pomba esquiva!  
Cujos remorso perdido entristeça  
Minh'alma só do teu amor captiva.  
E' para que não frim teus ouvidos  
As orquestras sinistras de gemidos  
Que eu escondo no morto coração;  
E não ouças o turbido epidocio  
Que, no meu peito, monologa o tédio  
A martellar-me as taboas do caixão.

CARLOS D. FERNANDES.

**Gabinete dos Reporters.** — Jornal Independente illustrado e litterario — Lisboa. O n<sup>o</sup> 76, que temos sobre a meza, traz o retrato da poetiza portugueza Albertina Paraiço com uma apreciação de Candido Figueiredo — a continuação de Sylvia, formoso conto de João Penha e uma pagina sobre Camara Lima, assignada pelo nosso estimado collaborador Alfredo Mesquita.

**José de Figueiredo.** — Parte brevemente para Portugal este nosso amigo e distincto collaborador a quem desejamos boa viagem e prompto regresso.

Tambem recebemos, e agradecemos reconhecidos as seguintes publicações :

**Notas para a carta geographica do Rio Grande do Sul,** trabalho cuidadosamente elaborado pelo Sr. Arthur Montenegro.

**Revista da Escola Polytechnica,** 3<sup>o</sup> anno, n<sup>o</sup> 6.

**Revista Portugueza colonial e maritima,** dirigida pelo conhecido geographo Sr. Ernesto Vasconcellos.

**Relatorio da Sociedade humanitaria,** de Santos, de 1897.

**Relatorio do Real Centro Portuguez,** de Santos, relativo a 1896 e 1897.

Continuamos egualmente a receber os seguintes jornaes portuguezes e brasileiros :

**Genesis, Revista Illustrada, Diario de Taubaté, Diario Popular, A Moda Elegante, Revista Academica do Rio, Germania, Districto de Leiria, Le Brésil, O Rebate, Fanfolla, Revista Juridica do Rio, La Tribuna Italiana, Revue Illustrée, etc.**



# MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

No seu livro *Poetas e Raças Finas*, diz Camillo Castello Branco: « A Ex<sup>ma</sup> Sra D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a mais vigorosa escriptora que ainda teve este paiz é undecima neta de Sá de Miranda (\*).

Esta phrase conciza do immortal escriptor, a par da apreciação que o decorrer do tempo consagrou, revella um caso famoso de hereditariedade. Eu bem sei que uma undecima neta, embora do illustre Sá de Miranda, pouco ou nenhum sangue tem de tão remoto avô; mas tambem não ignoro que casos ha e frequentes em que, na falta de continuidade sanguinea, uma como que descendencia espiritual se estabelece e, de geração em geração, resurge na feição identica do mesmo typo cerebral, com a sua qualidade dominante de intelligencia ou sentimento.

Sá de Miranda foi um espirito eminentemente lucido e bom. Das suas obras como da sua vida resulta uma forte impressão de ordem e tranquillidade. A sua modalidade litteraria — áparte algumas produções de agreste melancolia — foi o sentimento comedido e sensato.

Todas estas famosos dotes do antepassado resurgiram em Maria Amalia subtilizados por uma alma feminina, de uma impressionabilidade extranha e inquieta, que os seus olhos luminosos e vivos permanentemente revelam.

Dos trez poderes que Platão outorgou á alma: a sensibilidade, a vontade e a razão, é commum dizer-se que a mulher só possui o primeiro, intensamente, como tudo o que é desequilibrado, e muitos autores vão até affirmar, como o Grande São Gregorio por exemplo, que a mulher não possui a noção do bem.

Maria Amalia Vaz de Carvalho é um desmentido flagrante a tão pouco galante doutrina — velha doutrina, louvado Deus. — A sua sensibilidade é como dissemos prodigiosa, mas a sua razão é larga e a sua vontade grande.

D'esta ultima é prova bastante a sua vida litteraria e a energia, o afan, com que tem subido esta ingreme e pedregosa encosta da arte, onde tantos ficam no caminho, mal cobertos com os farrapos das illusões. Desde aquelle quarto branco e perfumado onde a donzella escreveu a *Primavera de Mulher*, n'uma grande e masculina resolução de ganhar a vida para si e para os seus, até ao pequeno e escolhido cenaculo onde a escriptora recebe hoje a

homenagem affectuosa de altos espiritos, que longo caminho feito! Trilho sinuoso, ora atapetado de flôres e illuminado pelo sol radiante da felicidade, ora erigido de espinhos e descendo aos sombrios abysmos onde a dor habita.

O começo da sua carreira litteraria foi uma ridente e inesperada aurora. Por influencias de Castilho, que apreciara a poetisa, o editor tão desejado appareceu e, com a embaraçada modestia de um primeiro livro, a *Primavera de Mulher* entrou no campo vasto e desabrigado da publicidade pela mão de Thomaz Ribeiro que o prefaciara.

O livro espalhou-se logo, como um bôa nova, e em Coimbra, uma outra alma de poeta, sublime e triste, vibrou unisono, como violino que adormecido accordasse as som dilecto resoando não longe.

Uma correspondencia assidua e amavelmente bella travou-se entre Gonçalves Crespo — por que era elle — e Maria Amalia. Sem se conhecerem, disseram-se coisas perturbantes e divinas como só dizem os poetas, e n'um magnifico noivado de almas, foram pouco a pouco, adorando-se como dois espiritos gemeos e superiores. Por fim, ao verem-se, casaram para continuarem tão formosa quanto esplendida harmonia.

Data d'esta epocha o inicio da actividade litteraria de Maria Amalia. Com o pseudonymo de Valentina de Lucena, a escriptora — por recommendação do marido que facilmente a introduzia nas revistas litterarias da epocha — em successivos folhetins, mais tarde collectiionados em volume, dispendeu a intelligente sentimentalidade do seu espirito com largueza e rasgo, como lavrados opulento e satisfeito que, na alegria incontida da sua prosperidade, arremessa ao espaço o producto rico das douradas messes.

De toda a obra de Maria Amalia esta é senão a mais completa pelo menos a mais exuberante.

A ventura é porem nuvem passageira, como diz o proverbio arabe, e o idyllio romantico que unira o poeta dos *Nocturnos* a auctora da *Primavera de Mulher*, terminou breve com a morte prematura de Gonçalves Crespo.

Maria Amalia rolava do sonho na realidade. Um espirito mediano, embora inspirado, teria succumbido.

(\*) Jeronymo de Sá, filho de Francisco de Sá de Miranda casou em segundas nupcias com D. Joanna de Menezes. O filho d'estes, Francisco Sá e Menezes, casou com D. Antonia de Montarroyo, de quem houve dous filhos, Jeronymo e D. Brites, a qual entrou na casa de S. João de Rey casando com Diogo d'Azevedo. D. Maria de Athaide e Azevedo, setima neta de Sá de Miranda casou com José Vaz de Carvalho, filho de Gonçalo José da Silveira

Preto, hoje representado pelo Sr Manoel Vaz Preto Gerales, par do reino. José Vaz de Carvalho e D. Maria d'Athaide foram paes de Gonçalo José Vaz de Carvalho, alcaide-mór e Visconde de Monção. O Visconde teve um irmão, chamado Rodrigo Vaz de Carvalho que casou com sua prima co-irmã D. Maria Amalia d'Azevedo, mãe de José Vaz de Carvalho, fallecido em 1878, pai da Sra D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.



Nada ha tão cruel como o cahir de esperanças — *Lasciate ogni speranza!* — Aqui porem se revella toda a admiravel energia de tão admiravel mulher. Sem desanimar, como os bons que confiam eternamente na bondosa justiça, a escriptora pegou na penna enluctada, sacudia-a das lagrimas de saudade, e recomeçou a escrever, por dever de mãe extremosa e talvez para adormecimento do espirito dolorido.

Durante 30 annos, a sua collaboração illustrou quasi todas as revistas litterarias escriptas em lingua portugueza, e progressivamente foi-se aquilatando, enriquecendo e repassando d'aquelle espirito de equidade e indulgencia, que origina a pratica da vida.

Com uma facilidade e um aelasticidade espantosas, a escriptora percorreu todos os assumptos, desde os mais graves problemas de sciencia social, até ás mais encantadoras e espirituosas analyses do espirito femenino. Maria Amalia, na irrequieta e curiosa modalidade do seu espirito, ensaiou toda a sorte de producções litterarias: a poesia, o conto, a novella, a chronica, a critica e o romance e se n'algumas não alcançou logar proeminente em todas se mostrou escriptora de raça e de alma.

A sua erudição hoje é grande, mas em nada prejudica a vivacidade das suas impressões que, dizem, se revella na conversa espirituosa e facil, de uma forma tão improvisada e tão brilhante que prende e captiva todos os que alcançam a felicidade de ouvil-a.

Parece que quem conquistou tão eminente logar na litteratura — sobretudo sendo mulher e viuva — deveria orgulhar-se de seus esforços e de seus successos. Muitos conheço eu que, apenas entrados nas lettras, alto conceito fazem de suas obras e pessoas. Sei porem que Maria Amalia é de uma simplicidade e modestia excessivas e que nada em si revella a feição exterior e pedantesca do *bas-bleuismo*.

Muito bondosa, no habito de cogitar a injustiça humana e de se apiedar sobre as miserias d'este mundo, ganhou uma desprerenciosa mas segura philosophia, com a serena tranquillidade dos espiritos que tendo comprehendido se resignam. O seu unico prazer hoje é o trabalho. A sua energia nervosa fal-a resistir ás longas fadigas de uma producção que por ser fecunda não é nem superflua nem descurada.

Como nos primeiros tempos das suas estreias litterarias, a mais vigorosa escriptora portugueza, segundo a expressão de Camillo, trabalha agora, obscuramente e minuciosamente, na biographia da Marqueza de Alorna, importante trabalho que officialmente lhe foi encomendado.

\* \* \*

A producção de Maria Amalia tem sido vasta conscenciosa e superior.

Não me incumbe analysal-a, nem poderia fazel-o no limitado espaço de que disponho. Os seus livros, largamente conhecidos em Portugal e Brazil, dizem melhor quanto vale tão illustre escriptora. Do seu espirito de bondade e methodica comprehensão do dever, dá sobeja prova o livro *Conselhos às Maes* que escreveu de collaboração com Gonçalves Crespo e que anda por todas as escolas. A sua impressionabilidade compassiva, o seu amor dos desprotegidos, a sua sede de justiça, manifestam-se nas numerosas chronicas e folhetins que escreveu *au jour le jour*, segundo o caso do dia, sempre com justiça, frequentemente com alma e não raramente com genio. Em materia de observação psychologica e juizo critico, cita-se o seu livro: *Os homens do meu tempo*, esboços biographicos dos principaes escriptores contemporaneos delineados com felicidade e mestria. Quanto á erudição, de que fallamos, têm os leitores d'esta revista brilhante amostra nos excerptos do seu livro inedito *Quadros e Figuras do seculo XVIII em Portugal*, que recentemente publicamos.

De todas as suas obras, a mais notavel, aquella que mais transparentemente revella a escriptora e a mulher, é o estudo critico e apaixonado que do grande poeta, seu companheiro, fez a inconsolavel viuva.

Trabalho piedoso e epico em que a mulher poz toda a sua alma mortificada pela dôr, pela saudade do esposo querido que não mais voltará, e onde a escriptora, representando as lagrimas, teve a sublime coragem, de analysar e ennaltecer a obra do seu genial companheiro e com ella erguer-lhe um pedestal glorioso, alto e duradoiro.

Este livro bastaria para consagrar a personalidade de Maria Amalia se tantas outras obras não a tivessem já affirmado e engrandecido.

O estylo de Maria Amalia é claro, facil e pitoresco. A phrase é bem portugueza sem ser classica. O verbo é maleavel e fluente; a contextura solida e elegante. Em todas as suas paginas, a ideia primordial claramente decorre, sem sobressaltos nem obscuridades, como ribeiro transparente que rectamente atravessasse desafogadas planicies. E aqui e alem, no meio da riqueza descriptiva ou da esperta visualidade, uma nota de sentimento apparece n'applicação proposital de um adjectivo ou na contextura habil de uma oração. No conjuncto, em summa, o estylo é perfeito e como o pensamento é rico e generoso, nada mais falta a Maria Amalia para se impor como um dos mais altos espiritos femininos que ennobrecem as lettras contemporaneas.

A *Revista Moderna* honrando as suas paginas com o retrato da illustre escriptora portugueza, presta sincera e merecida homenagem ao seu formoso talento e ao seu immaculado caracter.

LUIZ SERRA.







A ESCRITORA PORTUGUEZA  
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO



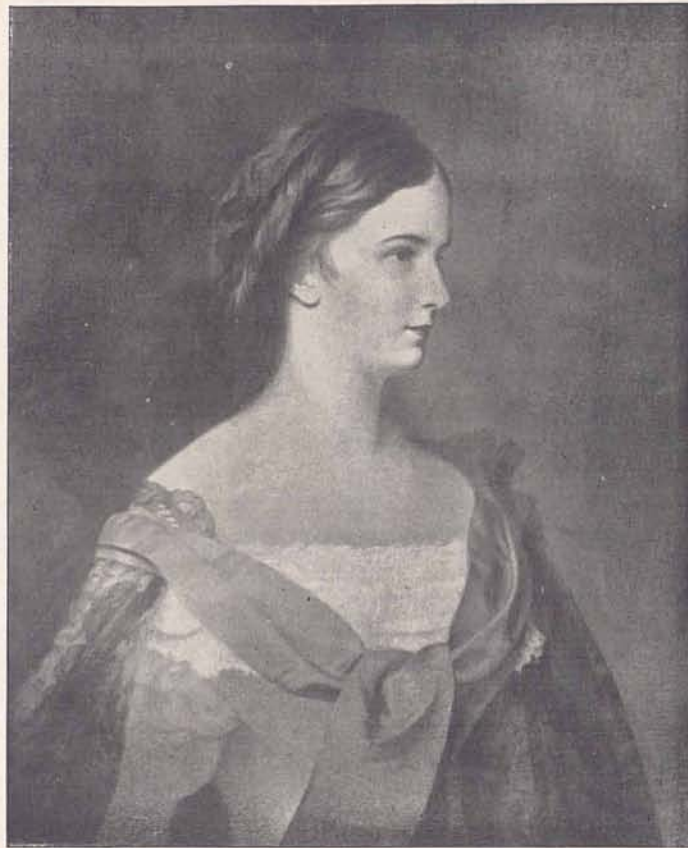
# A IMPERATRIZ ISABEL DA AUSTRIA

**B**ELLA e]commovente é a historia de « Isabel de Baviera » assim conhecida e chamada antes do seu casamento com Francisco José, Imperador da Austria.

Filha do Duque Maximiliano, nasceu ella em Munich a 24 de Decembro de 1837, recebendo na pia baptismal os prenomes de Isabel-Amelia-Eugenia. A sua infancia e primeira mocidade passou-se quasi toda no castello de Posenhoffen em companhia do seu pae que ella adorava e do qual participava os gostos artisticos e litterarios. Quasi todos os dias sahiam a cavallo, acompanhados de um creado que trazia duas cytharas, percorrendo as montanhas do Tyrol e parando de tempos em tempos nas aldeias, onde incognitos, tocavam as arias nacionaes applaudidas e apreciadas pelos montanhezes, que formando circo em torno dos musicos, dansavam com animação as celebres tyrolezas. Não era somente a cythara o instrumento tocado pela Princesa Isabel. Discipula do grande Liszt, ella manifestou um notavel talento de pianista que o seu professor orgulhoso fez exhibir n'um concerto de beneficencia, em Munich, executando com uma rara perfeição a segunda rapsodia do celebre compositor.

Era bem feliz e tranquilla a vida da jovem Princesa, toda consagrada ao estudo da musica, da poesia e da litteratura estrangeira, quando appareceu em visita no castello de Posenhoffen o imperador Francisco José vindo expressamente visitar e conhecer as filhas do Duque Maximiliano, das quaes a mais velha lhe era destinada. Quando o monarcha, penetrou no salão onde toda a familia da cõrte da Baviera estava reunida, elle não vio senão uma pessoa, para a qual o seu coração o impellia por uma força irresistivel; e momentos depois entrando para a sala de jantar; trocou o logar que lhe era destinado ao lado d'aquella que indicavam como sua noiva indo collocar-se junto da Princesa Isabel que elle desde o primeiro momento escolhera para Imperatriz d'Austria.

Alguns mezes mais tarde, a 24 de abril de 1854, realisava-se o casamento d'essa encantadora princesa, que deixou a corte modesta e patriarchal onde ella passara a sua infancia, para apparecer no throno da Austria; imponente e deslumbrante como uma heroína dos tempos antigos, offuscando, pela sua belleza ideal, a sociedade e a população viennense, completamente idolatra e apaixonada por uma tão graciosa e jovem soberana.



ISABEL DA BAVIERA

(Aos 17 annos quando foi coroada Imperatriz da Austria.)

Para festejar-a dignamente a cõrte de Vienna torna-se uma das mais brilhantes d'Europa. A Imperatriz durante muitos annos n'ella imprime uma vida de elegancia mundana, attrahindo em torno de si as personalidades as mais distinctas pelo nome e pelo talento. Vienna e Pariz, governadas pelas duas mais bellas mulheres d'Europa, disputavam então o sceptro da moda, e ás grandes festas presididas no palacio das Tulherias pela Imperatriz Eugenia, respondiam as deslumbrantes recepções que se davam na cõrte austriaca.

Alta, com um corpo admiravel, uma cabeça verdadeiramente real e as feições que lembravam pela sua rara perfeição as filhas d'Athenás, a Imperatriz possuía aquella magestade, cheia de uma graça soberana que a fasia sobresahir onde quer que ella se apresentasse. A massa opulenta dos seus cabellos castanhos dourados, parecia trazer sempre levantada, a sua imponente fronte real. Os olhos profundamente negros e grandes ainda mais se destacavam pelas espessas sobrancelhas, e a bocca pequena e purpurina era constantemente animada por um sorriso de um encanto extraordinario. O seu gosto educado e artistico, revelava-se pela simplicidade e belleza das suas *toilettes*, nas quaes predominavam as cores branca e preta, dando-lhes um tom de melancolia que foi pouco a pouco augmentando, até invadir completamente a vida da soberana. Depois de um começo de reinado tão feliz e venturoso a Imperatriz começou a sentir bem cedo o peso do destino que com tanta inclemencia perseguio essa desditosa casa da Austria á qual ella se ligara de corpo e alma.



Na guerra coma França a Austria derrotada em Solferino, foi obrigada a entregar a Italia, toda a Lombardia e a Venetia e sete annos mais tarde a infeliz campanha com a Prussia que finalisou apoz a terrivel derrota de Sadowa, na exclusão completa d'esse paiz da Confederação Germanica foram desastres nacionaes que muito abateram o espirito da Imperatriz Isabel. Dotada de uma admiravel intelligencia, vibrante d'enthusiásmo por todas as manifestações do genio, ferida nas suas mais altas aspirações de soberana no completo apogeo da sua felicidade, ella parece ter tido bem cedo o pressentimento de um fim tragico.



A Imperatriz em 1865  
(Retrato do celebre pintor Winterhalter.)

Essa princesa tão nobre, destinada aos grandes triumphos tinha infelizmente conhecido todas as mais duras decepções da sorte. Muitos infortunios a perseguiram; ella viu primeiramente a sua mais querida irmã a rainha de Napoles, a heroína de Goëte, despojada do throno das Duas-Sicilias; fugir exilada para a sua côrte.

O seu cunhado o imperador Maximiliano do Mexico, fusilado em Queretaro pelos revolucionarios enquanto que a sua mulher a imperatriz Carlota, sobrevivendo á catastrophe, mas tendo perdido a rasão, vegetava allucinada n'um dos palacios de Vienna. Mais tarde, ferida intimamente, na mais cara das suas affeições; ella toma conhecimento, acabrunhada pela dôr, da horrivel tragedia de Mayerling, onde o seu filho o archiduque Rodolpho, herdeiro do throno, loucamente amado pela sua mãe e adorado pelo povo, suicida-se segundo uns, e é assassinado segundo outros, em companhia da Baroneza de Verschera, n'um pavilhão de caça, nos arredores de Vienna. Esse golpe desesperador enluctou para sempre a vida da Imperatriz que desde então co-

meçou a viajar continuamente procurando expulsar do seu espirito as lembranças dolorosas de tantas desgraças.

*Die reisende Kaiserin* « a Imperatriz viajante » assim chamavam os viennenses, á sua soberana que elles não mais viam ha muitos annos e que nas raras aparições que fazia na sua capital, guardava o mais rigoroso incognito. Os seus retiros favoritos eram os castellos de Miramar, nas proximidade de Trieste, o de Godolo na Hungria e a Villa Achilleon, na ilha de Corfou. No castello de Miramar que é uma bellissima construcção elevando-se a pique sobre o Adriatico, deleitava-se a Imperatriz que tinha um culto especial pelas flôres, nos seus mavilhosos jardins copia fiel dos de Tivoli, e nas noutes de luar, procurando um lenitivo para as tristezas do seu espirito ella contemplava d'esses esplendidos terrassos de marmore a immensidade do mar prateado.

Em Godolo, na Hungria a vida era completamente outra, e cavalleira inexcedivel como era, os dias passavam-se a percorrer em eternas galopadas os sitios selvagens e solitarios, expondo-se mesmo por continuas imprudencias aos mais graves accidentes. Obter um pouco de tranquillidade moral pela excessiva fadiga do corpo era o seu unico objectivo. A villa Achilleon sempre foi d'entre todos, o seu lugar predilecto. Na ilha sagrada de Corfou, á beira do mar e cercado por bosques de palmeiras, lorangeiras e myrtos, em meio de vastos jardins povoados de estatuas antigas, levanta-se, todo em marmore construida, originalmente modelado numa combinação de architectura grega e corinthia, esse retiro admiravel de belleza, e rico das mais completas e valiosas collecções de Pompeia e do Parthenon. Ao longe avista-se um pequeno templo byzantino que a Augusta castellã fez construir em memoria de Henri Heine o seu auctor favorito; um grande busto do poeta, dominado pela tão intelligente e expressiva cabeça, recebe constantemente o tributo de flôres perfumadas e corôas de heliotropo. A existencia da Imperatriz era ahi como em toda a parte quasi toda ella passada ao ar livre e em interminaveis excursões, durante as quaes a caridade era largamente exercida.

Á tarde Sua Magestade acompanhada de uma ou duas pessoas recommençava os seus passeios, fazendo geralmente a ascensão dos picos mais elevados dos rochedos que bordam as côstas de Corfou; outras vezes partindo ás cinco da manhã em uma embarcação a velas dirigia-se ao alto mar, assistindo ao nascer do sôl. As noutes passavam-se no salão dos frescos onde quasi sempre reuniam-se poetas, pintores, musicos e litteratos. Ás dez horas, todos retiravam-se, e o maior silencio era observado pela comitiva e convidados. Via-se então em meio das estatuas brancas dos jardins uma senhora toda coberta por um longo veo preto, caminhando em direcção a um pequeno bosque de cyprestes onde eleva-se protegido pelas grandes azas de um anjo em marmore branco o monumento commemorativo que a mãe inconsolavel levantara em memoria do seu filho querido. N'esse sanctuario cuja chave era ella a unica a possuir, estavam piedosamente reunidas todas as lembranças do infeliz principe; o seu retrato, mexas de cabellos, o relógio, anneis e as roupas que elle vestia, quando encontraram o seu corpo ensanguentado. A Imperatriz ajoelhava-se deante de um pequeno altar e beijando essas tristes reliquias, orava pela salvação eterna d'aquelle que ella tinha



tanto chorado. Essa lugubre peregrinação repetia-se todas as noites na solidão e silencio.

Pobre mulher!... Quantos sonhos tragicos perseguiram a sua bella fronte? Quantos calices de amarguras foram esgotados pelos seus labios reaes? Ainda o anno passado a morte da sua irmã a duquesa de Alençon completamente queimada no incendio do Bazar da Caridade, abateu profundamente o espirito da Imperatriz Isabel. As suas noites eram cheias de insomnia e ella temia o isolamento e a escuridão. Duas lampadas estavam constantemente accensas no seu quarto e ao lado da sua cama dormia uma antiga e fiel creada. Poucas existencias são comparaveis pelas suas desgraças á d'esta soberana, mas entretanto sempre bella, sempre jovem e vivaz, o espirito parecia sobreviver aos luctos do coração. E é esse mesmo coração, infeliz, nobre e generoso que por uma cruel ironia do destino, cessa de bater atravessado pelo punhal d'um assassino.

\* \* \*

A impressão produzida em Vienna logo que a noticia do assassinato da Imperatriz começou a circular foi extraordinaria e terrivel. Um profundo estuor dominou toda a população, invadindo os logares publicos; e no *Ring*, o grande boulevard que cerca a capital, a multidão commentava em alta voz e cheia de indignação os telegrammas que chegavam de Genebra. Nas ruas e lojas as senhoras, tendo nas mãos os supplementos dos jornaes que davam detalhes sobre a catastrophe; choravam, horrorisadas e compungidas, pelo infeliz destino da querida soberana. Esse estado de excitação durou uma grande semana e pode-se affirmar a bem da sinceridade d'esse povo, que, durante esse tempo não se via em toda a cidade um unico semblante, alegre e contente.

O velho imperador tomou conhecimento do primeiro telegramma que lhe foi trazido pelo seu ministro o conde Thunn, e a dôr cruciante do monarcha, ferido por tão cruel noticia, provocou as mais sentidas lagrimas das duas ou trez testemunhas que presenciaram essa triste scena. Francisco José, apertando a cabeça entre as mãos e levantando os olhos ao céu, exclamou, acabrunhado: « *Oh, Deus qual será a desgraça que não me esteja reservada!* » — E retirando-se para os seus aposentos chorou

toda a noite pronunciando sempre, em alta voz, o nome da Imperatriz.

O inquerito official sobre esse crime sacrilego que provocou a indignação do mundo, diz o seguinte: « Sahindo de Caux, estação climaterica de uma grande altitude, que Sua Magestade habitava ha algumas semanas, veio ella visitar, a bellissima propriedade da Baronesa de Rotschild sua grande amiga, partindo á noite para Genebra, onde desceu no hotel *Beau-Rivage*,

e n'elle pernoitou. No dia seguinte, depois de ter almoçado sahio ás 2 horas da tarde em companhia da Condessa Sztaray dirigindo-se a pé ao caes do Lemán para tomar o vapor que a devia conduzir a Territet. A distancia do hotel ao ponto de embarque não excede 500 metros e já estavam quasi a chegar quando um individuo, atravessando precipitadamente a calçada, deu-lhe um forte empurrão que a muitos pareceu um movimento brutal mas sem intenção. Sua Magestade, levanta-se immediatamente, e um pouco pallida, insiste para continuar a viagem disendo nada sentir. Mal tinha ella posto os pés no vapor, que desmaia, sendo por um dos passageiros que mais perto se achava, carregada até o salão das senhoras; verificando



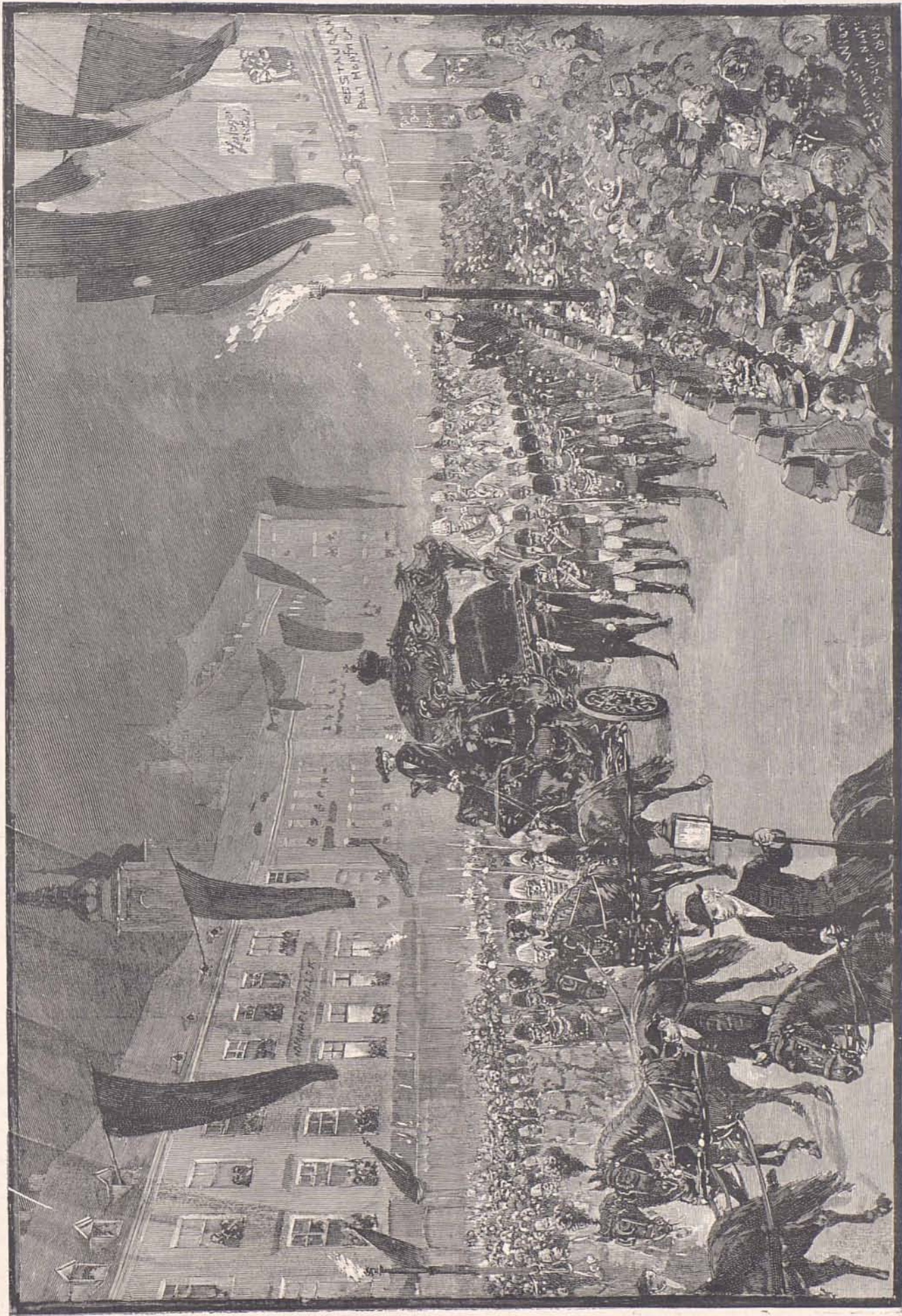
A Imperatriz em 1888.

então a sua comitiva, por uma ligeira gotta de sangue manchando a camisa que a soberana tinha sido apunhalada, um pouco acima do seio esquerdo! O terror foi indscriptivel e quasi todos perderam a cabeça. O commandante que, em virtude das exigências da comitiva imperial tinha feito partir o seu vapor volta a toda a velocidade para Genebra, sendo a Imperatriz moribunda reconduzida n'uma padióla ao hotel *Beau-Rivage* onde já chegou morta.

« O assassino o anarchista Lucheni se não fôra a pressa que teve em fugir, não teria chamado a atenção sobre si, e não teria sido facilmente preso por dous cocheiros estacionando a uns 200 metros do crime e que suspeitaram que esse individuo tinha practicado qualquer cousa de anormal. Mas todos estavam longe de pensar que o mais horrivel dos assassinatos acabava de ser cometido. »

A Suissa, que, a titulo de paiz hospitaleiro, sabe proteger a existencia de todos os scelerados que n'ella se refugiam, ficou envergonhada e compungida por não terem sabido e nem podido, garantir a vida de uma senhora





« Illustrate Zeitung. »

OS FUNERAES DA IMPERATRIZ ISABEL, EM VIENNA



indefesa, que tranquillamente passeava nos seus lagos e montanhas. O Presidente da Confederação, os membros do Conselho Federal, todos, protestaram contra a barbáridade de um semelhante crime, e a grande manifestação do povo de Genebra, coberto de lucto e com as bandeiras dos Cantões envolvidas em crepe, desfilando aos milhares e milhares, em frente ao hotel onde repousava o corpo da augusta victima, procurou attenuar o mais possível a pessima impressão causada em todos os países pela ridicula tolerancia d'essas leis que na maioria dos casos só beneficiam a anarchistas e conspiradores. Uma reforma impõem-se fatalmente nos codigos da livre Helvetia que antes de ser um bello paiz, é um vasto e concorrido hotel, obrigado a garantir a vida e os bens d'aquelles que para ali vão com o unico fim de gastar o seu dinheiro enriquecendo o commercio nacional.

No dia 13 á noute chega a Genebra o trem funebre, imperial que partindo de Vienna ia expressamente buscar o corpo da Imperatriz. Um grande vagon mortuario todo forrado de velludo, tendo em meio um rico catafalco, fazia parte do comboyo.

Na manhã seguinte realizou-se a transladação do feretro que repousava em meio de flôres e corôas, até a estação do caminho de ferro onde foi entregue aos enviados e representantes do Imperador, vindos expressamente para recebê-lo. O governo Suíço compareceu todo elle em grande ceremonial, nessa derradeira manifestação de lucto; e no cortejo que do hotel Beau-Rivage partiu para a *gare* viam-se representadas todas as classes da hierarchia social. O Presidente e o Conselho Federal, a alta magistratura, o corpo diplomatico, o estado maior e uma numerosa officialidade; delegações especiaes de todos os cantões, e enorme concurso de povo que segundo os usos populares nos grandes funeraes, entoavam as orações dos mortos. O *Clemencia*, grande sino nacional que só faz ouvir os seus sons em occasiões extraordinarias, resoava tristemente o dobre de finados.

E assim partiu da Suíssa, dormindo o eterno somno das bemaventuradas, encerrada n'um triplo esquife, aquella que dias antes passeava a sua graça soberana, nos floridos e verdes jardins que bordam as margens do Lemán!...

Na Austria-Hungria, todo um povo acabrunhado pela mais sincera dor esperava constricto, a chegada em Vienna, dos despojos mortaes da tão amada Imperatriz e Rainha. Foi por entre o triste dobrar dos sinos das cidades por que passava, que esse trem phantasma, alumiado por grandes lanternas cobertas de crepe, rolou surdamente durante uma noute e um dia, atravessando o territorio Austriaco. Diz o correspondente da *Neue Freie Presse* que em todo o trajecto as populações das povoações e da campanha, esperavam piedosamente ajoelhadas a passagem do comboyo funebre. Ás dez horas da noute do dia 15 chega elle a Vienna, pela « estação d'oeste » sendo recebido pelo arcebispo e todo o clero que em numero superior a dusetos sacerdotes, conduseram o feretro em procissão solemne a capella do palacio imperial de Hofburgo.

Ahi, o velho Monarcha acompanhado de suas duas filhas, genros e nettos, esperava abatido e resignado os restos da sua infortunada esposa. Oito servidores, carregavam nos hombros, o pesado esquife em carvalho esculpido, tendo na tampa uma grande cruz de prata, embutida

e sobrepujada de uma corôa imperial; dos dous lados pendiam seis pesadas argollas macissas, do mesmo metal, e nos cantos inferiores era elle sustentado por quatro pés bastante altos, representando cabeças de dragões. No momento em que os oito creados conduzindo o triste fardo começavam a subir os degraus que separaram o vestibulo, da capella, estacaram petrificados, avistando o Imperador cujo semblante pallido como o marfim denotava a mais dolorosa das comoções. Francisco José, não mais podendo conter a sua emoção, estendeu com desespero os braços, deixando cair a cabeça sobre o feretro que elle beijava chorando. Aos seus soluços confundiam-se os das Archiduquesas suas filhas que ajoelhadas abraçavam os restos da sua infeliz mãe. Todos os sacerdotes e assistentes derramavam abundantes lagrimas, contemplando esse poderoso soberano ralado pelo mais cruel infortunio e amargurado nas suas afeições como o mais desditoso dos mortaes.



Um dos ultimos passeios do Imperador et da Imperatriz em Kissingen. Maio de 1898

O Imperador dominou-se immediatamente ordenando ao cortejo que continuasse até a capella onde deante de toda a sua familia e de todos os Archiduques foram pronunciadas as orações pelo repouso eterno de S. M. a Imperatriz. Na capella do palacio ficou o caixão exposto durante dous dias, desfilando deante d'elle toda uma população coberta de lucto, que de todas as partes do imperio vinha prestar a derradeira homenagem á soberana morta.

A grande cerimonia official que consistia na transladação do feretro da capella de Hofburgo á igreja dos Capuchinhos onde estão, enterrados os fallecidos soberanos e principes imperiaes da Austria; realizou-se no dia 17 com a mais extraordinaria pompa; acompanhada de um cortejo grandioso de reis, principes, embaixadores extraordinarios e da imponente manifestação de um milhão de subditos sahido de todas as camadas do povo e afirmando pela mais sincera das manifestações, o verdadeiro culto que a nação tinha por essa senhora,



cuja vida attribulada, fôra uma interminavel serie de desgraças e soffrimentos.

Vienna cobrio-se do mais rigoroso e imponente lucto e nos grandes quarteirões centraes, as casas particulares, os hoteis e os edificios publicos, altos de muitos andares tinham as suas fachadas litteralmente forradas de preto, só deixando apparecer as janellas que por sua vez regorgitavam de bandeiras negras.

De todos os lampeões de gaz das diversas ruas pelas quaes devia passar o cortejo foram retirados os vidros, de modo que agitadas pela viração as luzes flammejavão como archotes, illuminando de uma claridade lugubre toda uma multidão vestida de preto que silenciosa e recolhida, esperava ver passar pela ultima vez nas ruas da sua capital a soberana que n'ella reinou com tanto brilho e esplendor.

O cortejo poz-se em marcha na ordem seguinte: um regimento de couraceiros a cavallo precedido do picador em chefe da côrte; tres carruagens puxadas por seis animaes conduzindo os moços fidalgos e as damas de honra da Imperatriz; ao lado de cada uma d'essas

Generaes; delegados dos Parlametos da Austria e da Hungria e das Dietas da Bohemia e da Croacia e numerosas deputações de todos as partes do Imperio e Reino. Fecha esse extraordinario e immenso prestito um batalhão de infantaria e um regimento de hussards húngaros.

Na igreja dos Capuchinhos onde ia ser dada a ultima benção, um enorme catafalco levanta-se a cinco metros do solo. Em frente ao mesmo sobre uma grande almofada de veludo preto e ouro estão expostas as quatro corôas de Imperatriz, Rainha, Princesa e Archiduezza, que ornaram em vida a fronte soberana de Isabel da Baviera. Os muros do templo completamente cobertos de preto, faseam sobresahir uma grande cruz de prata tendo a direita e a esquerda as armas do Imperador e da Imperatriz; a Aguia Austriaca e o Escudo da Baviera, sobre pujado da inscripção em grandes letras de « *Elisabeth, Austria Imperatrix 1898* ». Extraordinariamente pequena era a nave d'esse templo, para conter um tão numeroso auditorio. Reis, Principes, Archiduques e Grandes-Duques, collocados em linha em frente ao altar-mór



HOTEL BEAU-RIVAGE — GENEBRA  
porto do qual foi assassinada a Imperatriz.



CAUX — Pequena localidade das montanhas do cantão de Genebra  
ultima residencia da Imperatriz.

carruagens dois officiaes de hussards a cavallo; em seguida vinham a pé dois a dois trasendo archotes accesos, cem servidores do palacio vestidos com a livré de grande lucto seguidos por destacamentos de soldados pertencentes aos diversos batalhões dos quaes fazia parte honorariamente a Imperatriz; cada destacamento era commandado por um official. Vinha então o carro funebre, grandioso e imponente, arrastado por oito soberbos cavallos pretos. O feretro desaparecia sob uma immensidade de bellas corôas e guirlandas de flôres, offerecidas pelo Imperador, a familia imperial e soberanos estrangeiros. Ao lado direito do carro caminham seis cadetes nobres e do lado esquerdo seis officiaes superiores da guarda hungara, trasendo grandes tochas de prata, queimando incenso a largas baforadas. Atraz do carro funebre, dous a dous, uma longa fila de pagems com grandes velas accesas. Apparece depois, escortado por quatro generaes, n'um carro fechado, Francisco José, tendo a seu lado o Imperador d'Allemanha; em seguida nas carruagens do paço, os Reis da Baviera, de Saxe, da Rumania, da Serbia, os Principes de Napoles, do Montenegro, da Bulgaria; representando o Tsar, o Granduque Alexis da Russia; o corpo diplomatico e os embaixadores especiaes; o Principe de Hohenlohe e o Conde de Bulow, chancellor e primeiro ministro do imperio allemão; o alto clero, os grandes dignatarios da Corte e do Estado, e os Officiaes

faziam um brilhante estado major ao velho Monarcha Austriaco que tinha a seu lado, mas um pouco mais para traz o Imperador d'Allemanha. Quando os sacerdotes, recitando as orações dos mortos, pronunciavam o nome de Isabel, Imperatriz e Rainha, Francisco José, grave e austero no seu uniforme de feld-marechal, soluçava tristemente, occultando o rosto entre as mãos. Guilherme II n'uma correção marcial, com os braços crusados sobre a copa de sua espada, fixava commovido o catafalco da Imperatriz. Uma sincera emoção provocava as lagrimas de todos os assistentes e em meio das grandes damas da côrte o desolamento manifestava-se em crises nervosas. Finda a cerimonia, os frades capuchinhos dirigidos pelo Superior e acompanhados pelo Imperador, a familia imperial e todos os soberanos presentes conduziram o feretro, para os subterraneos da igreja depositando-o no mausoleo dos Habsburgos, ao lado do Principe Imperial o Archiduque Rodolpho e do Imperador Maximiliano do Mexico. A chave do caixão foi entregue pelo grande mordomo do paço ao Superior dos Capuchinhos, encarregado de zelar e guardar os tumulos imperiaes.

E assim descança em completa paz ao lado do filho que ella tanto amou, a mais justa e a mais nobre das princessas christãs cuja memoria saudosa, perdurará eternamente; como uma das mais dignas e gloriosas soberanas da Austria.

MARCUS!



# A CONSOADA

**T**INHAM chegado, havia um instante, da igreja. No silencio algido da noite retinia ainda alegre o bimbalar dos sinos. A mēsa estava posta, — velhos candelabros de cobre, accēsos sobre a alva toalha immaculada, e em volta de cogulo fumegando as iguarias. Na cal fendilhada da parede resplandecia, esta noite carinhosamente festoada de flōres, uma grande oleographia, em retabulo doirado, da celebrada *Virgem* de Murillo, fresca, menineira, a alma toda nos olhos, e em volta pelas nuvens sua graciosa farandola de amorinhos cōr de rosa. O ar estava tēpido, embalsamado. E no rectangulo negro das vidraças a opaca radiação da noite, basto rasgada pelos farrapos da neve que cahia, realizava visualizações phantasticas, luarentos contrastes de diorama.

Toca de arrimar na cosinha, ao canto da chaminé, os guarda-chuvas pingando, largam-se as capas, descalçam-se galochas, ruidosamente sacodem-se os vestidos; emquanto de rodilhão invade a sala a tropeada cantante das creanças; e erguendo-se de salto escabelo, a esfregar os olhos, a velha serva Leonor, perdida de somno, resmuneia n'um allivio:

— Ora louvado seja Deus!

E já á mēsa o bom do Simeão se dirigia, direito á grande poltrona de coiro. Toma-lhe a direita sua mulher, — irreprehensível companheira de cincoenta annos, — uma pequenina e interessante nonagenaria, de vagos olhos espirituaes e longas mãos de cēra; e á esquerda senta-se-lhe a sua bôa e paciente Eugenia, a filha mais nova, de preto, physionomia macerada, soffredora, longa, repassada toda d'esta austera diphaneidade tranquilla, feita de castidade e abstenção, de isolamento e saudade. Seguia a variegada profusão de toda a mais parentela, — os filhos que viēram de longe, empregados no commercio, na magistratura, no governo civil em Vizeu; um cunhado, capitão do 14; as respectivas esposas, tias, sobrinhas, primas, — ao todo trinta e tantos commensaes, afóra a galhofeira e turbulenta assistencia das creanças, que redonditas e chilreantes se aninhavam sobre almofadas postas nas cadeiras, avançado o queixo, cotovelos na toalha, abrindo para as travessas com os dōces uns grandes olhos avidos.

Nos primeiros minutos, um guloso silencio se intervalou, cortado apenas do discreto tinir de loiças e metaes. Só o velho patriarcha de carinho insinuou á filha:

— Eugenia, então! vá de pezares hoje...

E ella, com infinita tristeza:

— Eu não lhe dizia, pae?...

E esmorecida arredava de deante de si o prato, para melhor apoiar na mēsa o cotovelo, de antebraço ao alto, e de peso o rosto afogando no lenço, a breve, trecho empapado de lagrimas.

Casada ia para sete annos.

Casada com o José Ventura, um honrado e perfeito rapaz, visinho seu na cidade, cuja garbosa imagem logo os seus olhos infantis se haviam acostumado a vêr inse-

paravel dos brinquedos. Depois, na adolescencia, a mesma communicativa e franca liberdade affeição-lhes os corações irmanando-lhes os destinos. Fallado o casamento, — o rapaz era sério, honesto, trabalhador, tinha bens bastantes, — os paes da Eugenia consentiram. Em bôa hora, mercê de Deus! Ao cabo de tres annos de inalteravel bonança conjugal, tres innocentes eram o vivo penhor do seu affecto.

Mas as coisas da vida iam mal... Pegára brava a molestia nas oliveiras e nos castanheiros, o *mildiu* acabava de lhe devastar a vinha, já os estrangeiros lhe não visitavam a adega, o *pulgão* comia-lhe as cearas. A continuarem as coisas por aquelle pendor, era uma fatalidade! — Tinha ali assim tres anjinhos... e o mais que viria... tinha obrigação de lhes deixar que comer!

Depois de muita hesitação, muita tormentosa lucta interior, muita lagrima represada, — não havia remedio... dolorosamente concertou com a mulher e partiu para Lourenço Marques. E ella, a pobre, ficou-se em casa dos paes, parallelamente morta para o exterior, para a luz, para a alegria, arrastando, como um burel, a sua resignada saudade, paresiada na mansidão d'uma irremediavel tristeza.

Com uma resignação de freira, alheia por completo ao mundo, vivendo na perpetua lembrança do marido, na exclusiva preocupação dos filhos, passou annos Eugenia sem sahir de casa, levando uma vida toda crepuscular, na inteira abdicação do seu querer, collada ao dever como a lapa ao rochedo, allumiada e forte sempre a alma do alimento azimo do Passado, o seu fino rosto austero idealizado por uma transcendente, uma inabalavel expressão de confiança e de doçura... Sem um queixume, sem um arrependimento, sem uma revolta, sem uma indignada apostrophe ao Destino, ella soffria mas esperava, esperava sempre... forte d'esta poetica submissão, d'esta fidelidade sem termo, esta inabalavel e santa conformidade, de que a nossa provincia ainda conserva o segredo. Embalde vinham as amigas desalfia-a: « que estava dando cabo de si... não tinha geito nenhum... que faria se fôsse viuva! » Esquivava-se invariavel ás mais innocentes diversões. Ouvia, ouvia tudo, n'um desdenhoso silencio, e ao cabo abanava negativamente a cabeça, cerrando as palpebras, o longo rosto illuminado, — como um fim de tarde de outomno, — por uma dōce calma sorridente...

Escrevia a miude o marido. Sempre cartas consoladoras, ainda era o que valia! Passados os dois primeiros annos, estava fazendo rapidamente fortuna. Tivéra uma hospedaria; agora era já senhor de prédios, tomava empreitadas de construcções, era grande accionista d'uma companhia mineira.

O Simeão esfregava as mãos, contente, e exclamavo, descendo aos netos os olhas humidos.

— Abençoada resolução!

Eugenia, porém, nas suas cartas, extensos e adoraveis breviaros de coisas de familia, — a saude dos paes, a



saudade que a ralava, os progressos, as graças, as doenças dos filhinhos, — passava sempre de alto, n'um leve roçar de desdem, pela questão de interesses, e invariavelmente terminava com esta phrase:

— Quando te tornarei eu a vêr?...

Ultimamente annunciára elle uma proxima vinda á metropole, — para matar saudades, para revigorar a saude. Dizia o paquete em que vinha, designava o dia da partida. Foi então na modesta casa do rocio de Pinhel uma alegria doida... Não se fallava n'outra coisa; aos quatro ventos da cidade se confiou a consoladora noticia. Dia por dia com alvoroço se contava o tempo de viagem do vapor. Liam-se com avidêz no *Seculo* os telegrammas maritimos, a vêr quando davam conta das successivas estações da sua róta. Sem intender nada de geographia, arranjou no emtanto Eugenia um mappa, e ahi, de olhos humidos, como de instincto ia seguindo o progressivo e moroso avançar do idolo da sua alma. Fêz roupinhas novas aos pequenos, para apparecêrem ao pae. Dava repetidas acções de graças ao céu; o seu enthusiasmo, a sua fé, o seu amor não conheciam limites.

Pela mais feliz das coincidencias, acontecia que o seu José devia ter desembarcado na vespera em Lisboa, e chegaria a casa portanto exactamente n'aquella mesma noite de Natal! Eugenia queria de força ir, com os filhos, esperal-o, abaixo, á estação, a Villa Franca dos Naves. Entretanto, frustrou-lhe a resolução a inclemencia do tempo. A familia oppôz-se. — Sempre eram 18 kilometros de mau caminho, desabrigado, invio... E a chuva, o vento, a neve... Uma imprudencia! Seria o mesmo José o primeiro a censurar... — Resignou-se portanto a ficar. Mandaram-lhe á estação a melhor alimaria de cavallaria que havia na terra, a mula do Sr. abbade, cedida com a mais prompta decisão; e para o espirito inquieto, para a alma anciosa de Eugenia se fôram então fechando interminavelmente as horas, repercutia-lhe doloroso o bater da pendula no pulsar do coração, e o seu adorado marido não vinha!

Por fim, perdêra já por completo a esperanza. E agora á mês, ante a ingenua e communicativa alegria do mo-

mento, a dolorida tristeza da sua alma cerrava-se cada vêz mais intensa e mais profunda. Entretanto, continuava meigamente o pae a querer animal-a:

— É que o vapor não entraria a barra hontem, filha...

Isso que admira, com o mau tempo que faz?...

— Sei lá o que foi!

— É isto. Não podia ser outra coisa... Se tivésse en-



..... dolorosamente concertou com a mulher e partiu para Lourenço Marques.

trado, bem vês... o comboyo passa em Villa Franca ás 8... depois, para cima, a mula do Sr. abbade desunha bem... são tres horas da estação aqui.

— Ora! nem que viesse a pé... — corroborou o capitão, — já estava farto de cá estar!

— Tudo isso é issim, tudo muito bello... — redarguiu, apprehensiva, Eugenia, — mas é que eu não faço senão pensar... — E de repente, depois d'uma hesitação, com ar afflicto: — Ai, Deus do céu! receio muito que lhe tenha succedido alguma coisa...



— Então porquê?... — interrogou mansamente, com uma bondosa doçura incredula, do outro lado do Simeão, a espiritual velhinha.

— Ora, a mãesinha bem sabe... as mulas diz que são amaldiçoadas. Antes queria que lhe tivéssem mandado outro animal! Porque não pediram ao medico?

— Está sempre a precisar... — aclarou o pae. — Isso são historias!

— Não são tal! — insistiu Eugenia com vigor. — No Presepio a vacca chegava palhinhas ao Menino, para o agasalhar, e vae a mula comia-as. Por isso a Senhora a amaldiçoou.

— É verdade! é verdade! assim diz a mestra... — aqui acudiu com interesse o filho mais velho, o Joãozinho, abrindo em claras convicções os olhos.

— Pois sim, filha... — insistia com amor o velho, a derivar, — mas come...

— Não tenho vontade...

— Estes bôlos de bacalhau... Estão optimos!

— A mim amargavam-me com'o piôrno!

E o bom do pae, largando a travessa, desistia.

— Valha-te Deus — E, sempre no empenho de estimular a animação, arredando d'aquella festa as sombras, agora interrogava o neto: — Então que historias fôram essas que te ensinou a mestra?

— Sim, senhor! — acudiu prompta a creança, com o mesmo tom de convicção escampe. — Sei essa historia toda da fugida p'r'o Egypto. Ainda ha mais coisas... Ao atravessar a burrinha um tremoçal, quasi sêcco, aservas faziam muito barulho, dando signal aos perseguidores... e vae a senhora amaldiçoou-as tambem.

— Meu anjinho! — exclamou com ternura a avó, desvanecida.

— E tambem está amaldiçoada a perdiz, — continuou, muito sério, o rapaz. — Só a penna...

— Conta lá... — disse-lhe a mãe, momentaneamente distrahida.

— Foi assim... Quando Nossa Senhora fugia, um bando de perdizes, levantando-se-lhe na frente, assustadas, espantou-lhe a burrinha e deu signal ao inimigo. Vae a Senhora exclamou: « Malditas sejaes! » S. José perguntou: « Por inteiro, carne etudo? » Ea Virgem respondeu: « Não, coitadas! a carne, não... Só aspennas. »

Applaudiram todos, incantados, a singela desinvoltura do pequenino narrador, cujos labios de cereja a mãe comia de beijos.

Subito, — que extranho estrupido é este?! — no pleno socego d'aquella hora alta, aspero e vibrante resoou no pateo um significativo tropear de ferraduras. Logo um trinado silvo familiar, e n'um segundo, quando, á instantanea impulsão do espanto, mal haviam tido ainda os convivas tempo de se erguer da mēsa, já o José Ventura invadia de rompão a sala e estrangulava a mulher de commoção nos braços, balbuciando entre soluços de escachoante amor:

— A *Genêta!* a minha querida *Genêta!*

Enquanto, pequeninos e dobrados, todos em lagrimas, d'elle se abeiravam os paes, tremulos na anciosa supplicação d'uma caricia; e aturdida, boquiaberta, a velha Leonor exclamava, limpando os olhos á serguilha do avental:

— Parece mentira!

— Mentira me parece a mim mas é eu estar de volta outra vêz! — bradava na vehemencia da sua ardente emoção o rapaz. — Aqui assim na nossa casa... junto da minha mulher, dos meus filhos, dos meus velhos, dos amigos!...

E ia e vinha, a um e outro lado, irrequieto, garrulo, feliz... dava abraços, palmadas, beijos, entregava-se, dispersava-se... n'um tresbordar suave de effusão prodigalisava o melhor e o mais intimo do seu ser, irremovivelmente expandia a sua sentimentalidade reprêsa de tantos annos.

— Mas que horas são estas de apparecer?...

— Com effeito!

— Já ninguem fazia conta de ti!

— Que ralações aqui iam!...

— Faça idea... bem me lembrou! — disse o José Ventura, olhando com amor a mulher. — Mas que quêrem?... O comboyo vinha atrazado, os caminhos estão pessimos!

— Louvado seja Deus Nosso Senhor! — murmurou de mãos postas a santa velhinha, considerando o filho.

— Como tudo isto me parece bem! — exclamou n'um impeto o recémchegado, sentando-se, com todos os mais, á mēsa. — Que bella compensação a todas as minhas penas e trabalhos! Que saude ao corpo, que refrigerio á alma!

— Comes? — perguntou-lhe o pae.

— Ai, não! Trago uma fome de pedras... Vou já começar aqui por estes ovos verdes.

— Agora tambem eu como! — rompeu, sentada junto d'elle, a mulher.

E reatando conversa, patriarchalmente, como se de principio tambem ali estivesse, como se nada de anormal, desde o começo da ceia, se houvéra ali passado, disse ainda todo natural, o José:

— Mas que conversa era essa então com que estavam, de maldições?... Eu ainda ouvi...

— Fallava-se de quando foi da fuga de Nossa Senhora, com S. José e o Menino. Diz que ella amaldiçoára então a mulinha do Presepio, os tremoços, as perdizes...

— E então dos noitibós e das cotovias, não sabem?... — disse o José, sorrindo.

— O quê!?

— Ainda me lembro!

— Sabes mais do que nós...

— Pois então! Contava-me aquella nossa creadita velha, a Emilia... Ora espera, como era?... Ah!... Quando Nossa Senhora ia a caminho, os besbelhoteiros dos noitibós iam na frente, a gritar: « Ella aqui vae! ella aqui vae! » E atraz as cotovias, apagando as pégadas da burra com as patitas, diziam: « Mentira! mentira! » Por isso Nossa Senhora abençoou estas e amaldiçoou aquelles.

— E' verdade, mamã? — perguntou com interesse o Joãozinho.

— O papá nunca mente.

É a cada instante o papá, radiante, cheio de si, na amorosa incidencia da attenção dos circumstantes, com os filhos pendurados em cacho dos hombros, do collo, do pescoço, demandava a mulher com os olhos rasos de agua, n'uma expressão fundente de ternura:

— A minha *Genêta!*...



# A Paz Americana

**D**EPois da ultima grande guerra européa de 70-71, na qual a Allemanha victoriosa impoz á França derrotada, condições duras, digamos mesmo leoninas, arrancando-lhe as duas provincias rhenanas; não mais outra nação lembrou-se de exigir como premio de uma campanha feliz, a cessão de territorios ou o desmembramento de colonias que constituem o patrimonio do povo vencido.

Na guerra do Pacifico, o Chile reteve durante alguns annos, Tacna e Arica, como garantia de uma grande divida, mas não annexou-as; a Bulgaria assignando um tratado de paz nas portas de Belgrado não impoz á Ser-

só exigiria da Hespanha, a independencia completa da ilha. Mas com os primeiros sucessos das armas yankes, a honra presidencial evaporou-se e as catilinas philantropicas dos negociantes que fasem politica em Whashington, foram substituidas por projectos de annexões.

Um tal proceder, mesmo discutido com a maior imparcialidade, é simplesmente escandaloso e improprio, de uma nação que pretende hoje, parodiando a rã da fabula, representar o papel glorioso de reformadora do mundo.

É a Pariz, na grande capital da França republicana,



Mac-Kinley

M. Cambon

O embaixador francez M. Cambon assignando o protocollo da paz Hispano-Americana em Washington.

bia a menor rectificação de fronteiras em seu favor; o Japão subjugando a China que é um paiz a retalhar, contentou-se com Formosa, ilha revolucionada, quasi independente e que pouca ou nenhuma attenção fazia ao governo de Pekin, e finalmente a Turquia marchando sobre Athenas, não conseguiu mesmo em Domokos arrancar a Thessalia da Grecia.

Mas os Estados-Unidos da America do Norte entendem de outro modo e provocando a mais injusta das guerras, reclamam noventa dias depois, uma modesta compensação de quatrocentos e cincoenta mil kilometros quadrados, que é a superficie aproximativa de Cuba, Porto-Rico e Phillipinas, com uma população de dez milhões e quinhentos mil habitantes!

Não ha indignação humana que possa qualificar uma semelhante rapacidade e ainda mais, quando o honoravel presidente Mac-Kinley, receando a intervenção européa ao enviar o seu *ultimatum* á Madrid; dera solemnemente a sua palavra de honra que a União Norte Americana não faria a conquista de um palmo de terra; e que forçada a bem da humanidade a proteger os Cubanos, ella

que a America democrata, enviou os seus representantes, que, novos Shylocks, procedem actualmente as dolorosas amputações que a pobre nação hespanhola, menos feliz que o legendario mercador de Veneza, soffre resignada e paciente.

A questão capital por excellencia e sobre a qual as discussões tem sido violentas, é a do destino futuro reservado ao archipelago das Phillipinas.

O protocolo de Washington deixou propositalmente, pairar a maior incerteza sobre a solução que lhe seria dada. Ao principio, parecia provavel que o vencedor se contentaria de um deposito de carvão e mais um porto qualquer, pedindo para o resto do paiz a organização de uma especie de protectorado. Hoje tudo está mudado; a opinião publica não hesita mais que entre estas duas resoluções: a annexação completa de todo o archipelago ou somente a da ilha de Luzon, a principal do grupo tendo como capital Manilha. Affirmam mesmo que a maioria do paiz reclama e dia a dia com mais insistencia a primeira e a mais vasta das operações.

Com muita rasão diz um escriptor politico, francez;



o povo americano aspira decididamente a sahir da sua conxa ou antes do seu hemispherio. Toda a nação soffre um irresistivel appetite de conquistas, e a prova clara e manifesta d'esse desejo insaciavel é a ultima viagem triumphal do Snr. Mac Kinley pelos estados do Uniao. Os discursos do Presidente exaltando as victorias da

os seus a protecção da Virgem, como recompensa de de um trabalho perseverante e honesto!

Que um tal appetite e semelhantes demonstraões, sirvam a nós outros brazileiros de um salutar e prudente aviso. Toda a providencia será pouca nas futuras relaões commerciaes ou politicas que tenhamos de ter com



M. Whitelaw Reid.

M. Gray.

M. Day,

M. Frye.

M. Davis

M. Moore, secretario.

presidente da commissão americana.

Os commissarios americanos encarregados de discutir a paz em Pariz.

invencivel marinha e do valoroso exercito, completaram o bouquet das ingenuidades d'esse povo, em materia de politica futura. Sua Excellencia, naturalmente arrastado pelo ardor da sua eloquencia, teve a triste coragem de afirmar o seguinte : « Para esta guerra que não provocamos e que fomos obrigados a aceitar, a bem da humanidade, a divina providencia nos recompensou com resultados tão superiores á nossa expectativa, que certamente na historia do mundo, soou para a America, a hora solemne de intervir, pelo seo prestigio e poder, junto a todos os povos opprimidos e que necessitarem assistencia e justiça. »

os Estados-Unidos, e nunca será demasiada a maxima energia na affirmação dos nossos direitos, se porventura tivermos de repellir imposições de qualquer natureza.

A nação brazileira, politica e geographicamente fallando está destinada a pesar com preponderancia nos destinos da America do Sul; e no exercicio d'essa natural supremacia, o seu eterno inimigo será o povo norte americano, cujo principal traço de caracter é o de um egoismo feroz e illimitado.

Nada de conselhos ou manifestaões de amizade, traduzidas mais tarde em pretensões de tutela ou de protegido.



Senr. Alaraza.

General Gomez.

Senr. Montero Rios, Presidente.

Senr. Villanueva

Senr. Garnica

Os commissarios hespanhoes encarregados de discutir a paz em Pariz.

« Que Deus nos dê forças sufficientes para sustentar esse glorioso fardo !..... »

Emquanto o nobre presidente, qual Cesar caricato, invoca Deus e a Divina Providencia para justificar as conquistas feitas e a fazer, a bem da humanidade soffredora, a commissão de Paris, nas negociaões da Paz, recusa as minimas concessões e nega-se mesmo a reconhecer e aceitar as dividas contrahidas por Cuba e Porto-Rico.

E a eterna historia do aventureiro das campanhas de Roma que apoz uma lucrativa excursão, vem depositar aos pés da Madona a piedósa offrenda pedindo para si e

O resultado da guerra hispano-americana veio provar-nos claramente a dualidade da doutrina de Monroe, famosa panacéia fabricada em Washington e que só tem favorecido até ao presente as especulaões politicas dos presidentes da Casa-Branca. O pobre Mexico que o diga, invadido e dilacerado pelos cow-boys da grande republica e agora os Cubanos, terão por sua vez a occasião de ver, o modo pelo qual os Estados Unidos interpretam esse principio.

« A America para os Americanos » disem esses tartufos; mas para os Americanos do Norte, responde a camarilha dos seus politiqueiros.

M. BOTELHO.



# Reminiscencias da Historia Brasileira

## A morte de um bravo

(Do LIVRO INEDITO *Fragmentos Historicos*).

**C**ALARAM-SE OS canhões da esquadra, emmudeceram as baterias de Curusú, após seis horas de vigoroso bombardeio.

Do quartel general do Commando em chefe partio o emocionante signal de *avancar*..... os clarins de todas as divisões e brigadas, os tambores de todos os corpos responderam o toque de *carga*.

É ao clangor dos bellicos instrumentos, dezenove mil homens, em quatro columnas, correram impavidos contra as formidaveis linhas de Curupaity.

Serpenteando na vasta planicie, qual terrifica avalanche rolada da montanha, aquella immensa multidão seguia a marche-marche contra cincoenta e oito boccas de fogo e nove mil carabinas trepadas nas alterosas ameias do baluarte paraguayo.

Imponente espectáculo!

Subito um relampago correu na crista do entrincheiramento inimigo; esbranquiçada fita de fumo desdobrou-se celeremente por sobre aquelle dorso gigantesco, seguindo-se medonho estampido que reboou lugubrememente nas selvas virgens do Gran-Chaco, qual trovão cyclope nas convulsões dantescas de uma tempestade infernal. E uma aboboda de granadas, assoviando sinistramente no espaço escuro de fumo e pó, saudou os alliados que avançavam a passo de carga, deixando na planicie uma esteira sangrenta de cadaveres despedaçados.

Cerrou o fogo.

Às descargas de fuzilaria, seguiam-se as descargas dos canhões, sem o intervalo de um instante e aquelle continuo estrugir de obuses, causando-se com as explosões das bombas, semelhava o rufo pavoroso de immenso e descomunal tambor...

Em ondas alterosas rebentavam as aguas do rio, açoitadas violentamente pela expansão prodigiosa daquella atmospheria revolta.

Tremia a terra em vibrações extranhas!...

O primeiro entrincheiramento da grande fortaleza paraguaya foi tomado sem um tiro, á couce d'armas, á baioneta, no violento empuxo do primeiro arranco.

Mas... quinhentos metros atraz do primeiro, corria o segundo entrincheiramento, mais alteroso, mais formidavel, mais difficil para o assalto.

— Triplique linha de abatizes, precedendo vinte e quatro ordens de *boccas de lobo*, na frente de largo e profundo fosso, extendia-se ao pé da escarpa de alterosa muralha com trinta e tres palmos de elevação.

— Quatro reductos salientes cruzavam fogos mergulhantes com a cortina em zig-zag e os redentes que união as selvas impenetraveis da Lagoa-Piris á barranca abrupta do rio Paraguay.

Contra esse colosso de argilla, coroado de canhões e carabinas que vomitavam milhões de projectis, avançaram á peito descoberto, armas suspensas, bandeiras desfraldadas — cincoenta e dois batalhões de infantaria.

E ao aspecto imponente dessa carga sem exemplo na America, a guarnição paraguaya deu meia volta e fugio...

— O pacil? os abatizes, as boccas de lobo, os fòssos, o talude íngreme da trincheira, a fuzilaria, a metralha — tudo isso deteve por instantes aquella massa confusa de homens que avançava sempre... Quarenta brasileiros, pertencentes á columna da extrema esquerda, os mais ageis e resolutos, já estavam dentro da fortaleza paraguaya...

Um ultimo esforço, vinte minutos mais naquelle inferno de lodo e sangue e a mais estrondosa victoria

assignalariã a queda immediata do famoso quadrilatero.

O signal de *retirada* partio do quartel-general argentino.

Tresentas cornetas repetiram aquellas notas sentidas que echoaram no espaço como um pio agorento de funesto presagio...

Os paraguayos, animados por esse toque sinistro, reforçados com as reservas, voaram ás trincheiras e cobriram a planicie com uma chuva de granadas.

Começou a matança!

Os alliados deram as costas ao inimigo e á metralha na contra-escarpa dos fòssos; e, lentamente, apanhando os feridos que ás centenas revolviã-se no campo, recuaram para Curusú.

A retirada a principio operou-se em ordem, com calma admiravel, sem precipitação, por divisões e brigadas, apesar do granizo de metralha que açoitava os cançados batalhões; mas, pouco depois, o 11º de Voluntarios — que fechava a cauda da columna do centro, atropellando os corpos da frente, como mais exposto á metralha, introduzio

um desordem na brigada Silva Paranhos...

Gritos subversivos provocados pela ignorancia do que se passava na retaguarda, estabeleceu o panico na columna do centro.

Então afrouxaram-se os laços da disciplina e o exercito, perdendo a formatura, enovelou-se n'um bolo immenso, ondulando na planicie sob um volcão de ferro e fogo.

Debalde os chefes, revolver em punho, procuravam deter a onda... debalde Astrogildo da Costa estendera a sua brigada na orla da matta e á tiros de fuzil e a coto de lança tentava restabelecer a ordem; debalde o general Conde de Porto Alegre percorria o campo desafiando a morte...

A onda rolava sempre com a impetuosidade irresistivel do desespero, deixando naquella necropole immensa uma esteira sangrenta de cadaveres e moribundos!

\* \* \*

Quando o 8º Batalhão de Voluntarios Sergipanos transpunha victorioso o primeiro entrincheiramento, a explosão de uma granada no flanco da 1ª Companhia derribou deoito homens.



O general Brasileiro Conde de Porto-Alegre — Vencedor de Curusú em 18 de Julho de 1875.



De braços, coberto de sangue, também cahio Francisco Camerino — o livre caçador — o idolo querido da soldadesca do 2.º Corpo de Exercito.

Transportado ao hospital de sangue, causou espanto aos proprios medicos o aspecto daquellas feridas sangrentas: as apophises espinhosas das vertebraes dorsaes e lombares ficaram de todo descobertas; por alguns pontos mais descarnados via-se o arfar dos pulmões...

Vivia ainda...

\* \* \*

Francisco Camerino, nasceu na Estancia, em Sergipe, a 21 de Agosto de 1841.

Poeta distincto, imaginação de fogo, patriota exaltado, sentio fundo a affronta paraguaya, e, tomando lugar entre os primeiros cidadãos que se gruparam em torno do pendão nacional para a desaffronta da patria, correu á fronteira com esses abnegados heroes — hoje olvidados pela geração moderna — que a inspiração do gabinete Furtado chamou *Voluntarios da Patria*.

Exemplo unico nos annaes da porfiada campanha: — não se alistou em corpo algum; cumprio alevantado dever civico, sem entregar os pulsos á pesada cadeia disciplinar.

« Não porque a mochila me possa nodoar, mas porque foi alli que comprehendi e conheci em meu genio um *que* impossivel de supportar o rigor da disciplina; também vi que podia ser util ao paiz e prestar á minha nação o serviço ao meu alcance sem a dependencia do Estado (1). »

Nada percebia dos cofres publicos: os alimentos e a propria munição que gastava nos combates adquiria com os recursos proprios de sua modesta bolsa.

Armado de magnifica carabina, atirando com rara pericia, entrava em fogo na frente do 8.º batalhão de Voluntarios da Patria, entusiasmando a soldadesca com o exemplo e com a palavra inspirada do genio.

Ao lado daquelle moço de 23 annos, imberbe quasi, figura extremamente bella e sympathica, que se batia com valor admiravel, que affrontava os perigos com

stoica abnegação, os fracos creavam brio, os covardes retemperavam-se, dando rasão ao poeta:

Medo tem toda a gente  
Saber disfarçar — é ser valente.

\* \* \*

Horriavel espectáculo no hospital de sangue!

Sangue por toda a parte: — membros humanos, pernas e braços em repugnantes pilhas, misturavam-se n'uma amalgama horriavel com os corpos mutilados que saham sem vida dos bancos das amputações.

Os medicos, os ajudantes, os enfermeiros, braços arregaçados, sudorentos, ensanguentados, multiplicando-se em nobre esforço para attender os feridos que entravam á formiga, ás centenas, aos milhares (1), carregados em padiolas, em macas, sobre varas, nos capotes, sobre carabinas crusadas, nos braços dos amigos, não poucos páes ás costas dos filhos, as proprias mulheres conduzindo os maridos — n'uma procissão lugubre, commovedora, interminavel, enquanto do extremo opposto da extensa ramada, fileira sem fim de padiolas transportava os mortos para a valla que os sapadores abriam...

E tudo isso apressadamente, sob a impressão moral do desastre soffrido, em confusão, n'um concerto pavoroso de gemidos e lamentos, de pragas e maldições, de ais lancinantes, crusando-se com a vóz grave e pausada dos Capuchinhos que entoavam psalms exhortando os moribundos!

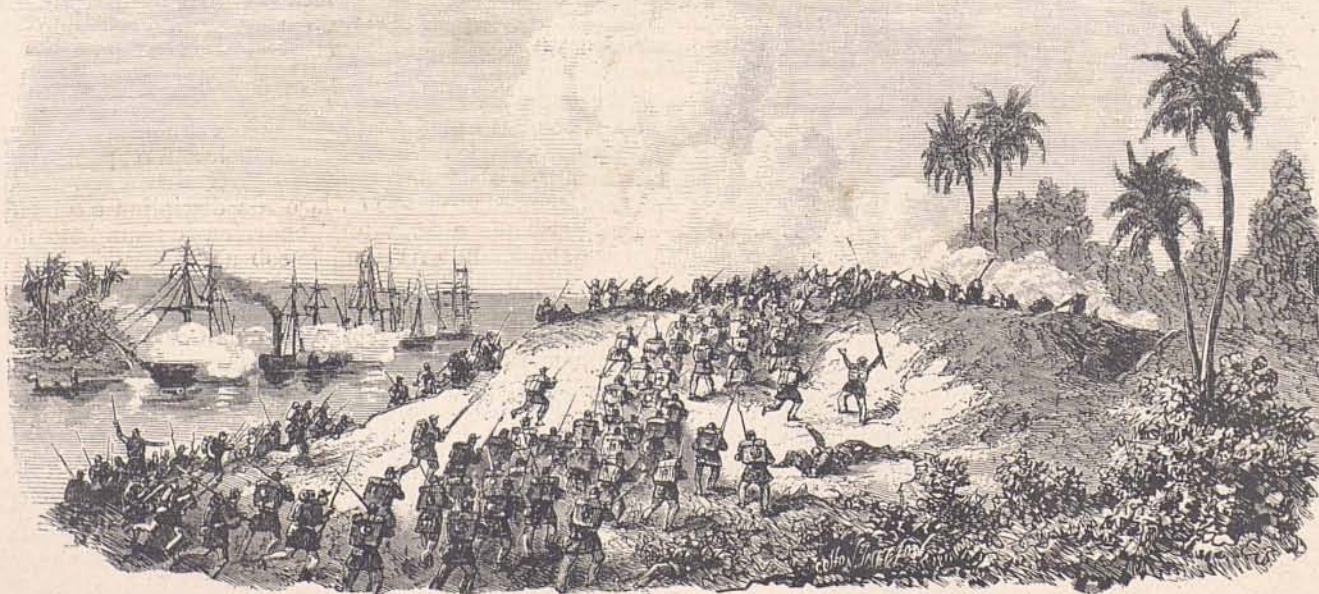
Entretanto, de um extremo ao outro do vasto barracão, correu de bocca em bocca noticia de que expirava Camerino, fazendo cessar por instantes aquelle indiscriptivel alvoroço: — os gemidos cessaram como por encanto e, n'um respeitoso silencio, todos puderam ouvir commovidos as ultimas palavras do joven sergipano que se finou repetindo a estrophe sentida do mimoso cantor de D. Jayme:

Ou morre um homem na lida  
Feliz, coberto de gloria,  
Ou surge um homem com vida  
Mostrando em cada ferida  
O hymno de uma victoria.

J. ARTHUR MONTENEGRO.

(1) Neste hospital receberam os primeiros curativos 2,550 feridos (1,313 brazileiros e 1,207 argentinos) que em seguida foram transportados pela esquadra para os hospitaes de Corrientes.

(1) Carta dirigida ao irmão em 23 de Agosto de 1866.



BATALHA DE CURUZU.

Reprodução de um desenho da *Illustração* do anno de 1866 segundo um *croquis* do seu correspondente Silva Paranhos, o actual Barão de Rio Branco então estudante de Direito em São Paulo.



# A Rainha Luiza e Madame Carnot

Com poucos dias de intervalo apagaram-se duas vidas, que no mundo deram luz como verdadeiros astros de primeira ordem: — A Rainha da Dinamarca, e Madame Carnot, viuva do ultimo presidente da Republica Francesa.

Envolvendo as augustas frentes de cada uma, o olhar



A RAINHA LUIZA DA DINAMARCA  
(fallecida a 5 de Outubro de 98)

venerador das multidões como que via aquelle suave resplendor que santifica; tanto a Soberana do romantico e brumoso paiz de Hamlet, como a viuva de Sadi Carnot, haviam sido, acima de tudo, duas Senhoras, na mais suave significação d'este termo.

Uma feição encantadora assemelhava uma á outra, n'uma simplicidade adoravel: aquellas duas almas sentiram a par das grandesas do mundo, todas as suaves delicias da vida de familia, — quer da familia particular, consanguinea, quer do povo, que é a verdadeira familia politica dos Reis e Chefes d'Estado.

A tradição do amor que une a familia real da Dinamarca, attrae-lhe sem duvida o respeito de todos; mais que o respeito, a sympathia; e não é sem uma commoção de agrado bem justificada que se ouve dizer que a princeza de Galles, filha da fallecida soberana, nunca passou um anno sem ir estar algumas semanas no regiao lar de Copenhague.

Deve ser deliciosa, cheia de sensações de um tanto prazer, esta vida intima dos que sentem na paz, raramente conquistada, um contraste diametral com a vida de todo o anno.

Muitos descreem do amor que possa unir familias reinantes, aonde cada filho vai para um paiz diverso, crear ligações extranhas e respirar a athmosfera de estrangeiras côrtes. Muitos, até, chegam a duvidar da affeição que tenham entre si, dentro de cada côrte, os pais e os filhos que se tratam de magestades e altesas, os irmãos a quem a phantasia popular sempre attribue invejas e dissidencias. Pouca gente acreditaria, se a tradição oral o não garantisse, a infantil simplicidade com que Henrique IV foi um dia surprehendido por um ministro que entrou no salão, quando o Rei andava, de gatas, com os filhos bifurcados nas costas d'elle, brincando como se fosse uma creança, a servir-lhes de cavallinho, a rir, a rir...

Um mediocre pintor inspirou-se d'esta anecdota verdadeira, para fazer um mau quadro, que julgo estar em Madrid. Quanto deveria inspirar o grupo adoravel da Rainha da Dinamarca, duplamente veneranda pela idade e pelas virtudes, rodeada por filhos, netos e bisnetos, vindos todos os annos, durante os grandes gelos de dezembro, aquecer-se á chamma da mesma lenha, e retemperar-se á chamma do commum amor!

Foi n'esta paz bemaventurada e bem merecida, entre as affeições da familia e do povo, que a fallecida Rainha viveu 81 annos, para emfim cerrar os olhos no aniquilamento da morte suave dos justos. Morreu sem soffrer, de repente, por um cessar subito d'esse coração que fôra o guia de toda a sua existência.

O coração tambem, cansado de sentir, gosar por ventura e soffrer de certo, matou igualmente essa respeitada Madame Carnot, que era para os franceses um symbolo de bondade, desde que a sua entrada no palacio do Elyseu, ha tantos annos, fôra marcada por muitos actos de caridade, sempre modesta e sem ostentação, seguindo depois uma vida que era como que o reflexo de oiro da de Sadi Carnot.

E que mais têm, que sobre a cabeça de uma mulher se ostente uma corôa de oiro, ou brilhe uma corôa de luz? A magestade está n'isto, que tanto deslumbra pelo esplendor que cerca a Rainha de Inglaterra, por exemplo, como attrae pela simplicidade de um coração eleito para o bem, como o da esposa de Carnot; e para que se avalie e veja a que ponto se impõe o caracter de uma senhora como esta foi, bastar-nos-ha relembrar que, quando os actuaes imperadores da Russia vieram ha dois annos a Pariz, a Czarina visitou particularmente



MADAME CARNOT  
(fallecida a 1 de outubro de 98)

Madame Carnot, com a qual foi ajoelhar rezando perante o tumulo do desventurado Presidente.

Prestamos a nossa modesta homenagem á memoria dessas duas illustres finadas, cujos nomes hão de ficar por força no respeito da posteridade, e cujas vidas entram no numero das que são perpetuo modelo tanto de rainhas como de simples mulheres.

CARLOS SERTORIO.



# CARVÕES

XVI

A Bartholomeu Ferreira.

(Ilustração de Candido da Cunha)

**N**OITE de calma....  
O vento, que todo o dia chorára na rama-  
ria das arvores, mal começaram de brilhar  
as primeiras estrellas, desaparecera, como fugido por  
ellas, — janellas que lá do alto abrissem sobre outros  
mundos...

O luar, veludineo, doce como um banho de leite es-  
ponjado da lua, espelhando no branco dos caminhos, que  
por isso mais avolumavam e negrejavam a sombra, dava  
áquelle trecho de cam-  
po, d'um sabor cru e  
animal, o aspecto vago  
e romantico d'uma Ve-  
nesa de sonho.

Assim pallida da lua,  
e muda da noite, essa  
aldeola minhota em  
que qualquer agrupa-  
mento de casaria pre-  
textava para logo a  
loucura d'uma taber-  
na, em que as coisas  
tinham um acre sabor  
a vinho e pão, appa-  
recia, de transforma-  
da, como qualquer coi-  
sa de phantastico; —  
enorme campo de ba-  
talha, em que as arvo-  
res á beira das estradas,  
espelhadas do  
luar, semelhassem gi-  
gantes extranhamente  
colossaes, immobilisa-  
dos, ao despenharem-  
se na corrente, pela  
divina bondade de cer-  
ta Virgem milagrosa...

Lá no Oriente appa-  
receram algumas nu-  
vens, que pouco a pou-  
co foram avolumando,  
sombriamente negras.  
E o luar, que é, tal-  
vez, o longo e lento  
desfilar das pallidas  
Ophelias, começou de  
adelgaçar-se...; a fe-  
rica ronda foi ascen-  
dendo, ascendendo...  
envolvendo ainda a ter-  
ra, como em último  
adeus, na vaga claridade dos seus olhares opalinos...

E porque era Semana Santa, lá para o longe, a meio da  
escuridão impassivel da noite, no termo do caminho agóra  
negro e opaco, o templo da villa illuminado desde a tarde,  
sangrava cada vez mais forte de todo o lume das suas  
velas.

De entre o diffuso da treva, uma sombra moveção  
surgiu a collear o atalho, e, transposto o adro, o incre-

dulo, porque era um d'esses, tremulo do tremor convulso  
de quem apezar de tudo, espera ainda alguma coisa, en-  
trou na egreja.

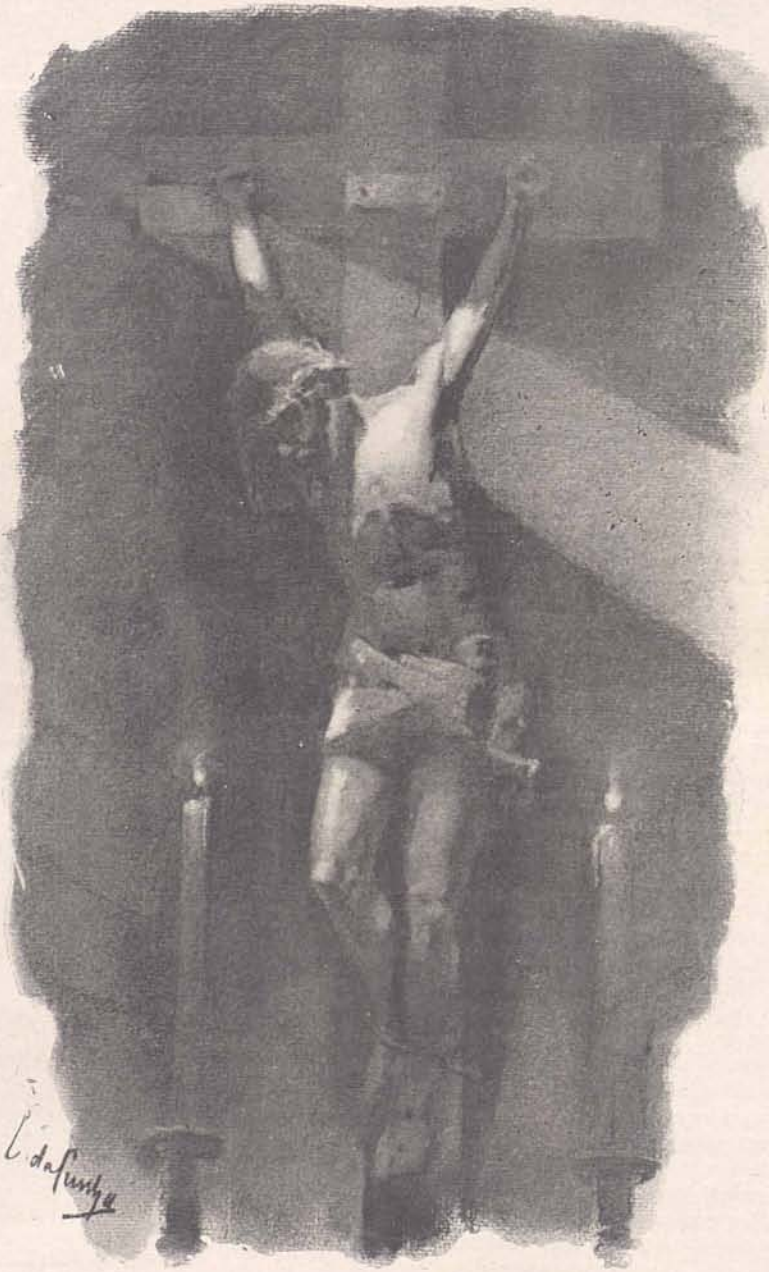
Restos d'uma antiga riqueza, juncto da porta da en-  
trada, um grande lustro de Veneza descia do côro. E era  
tudo o que restava do brilho esplendoroso dos antigos  
tempos, esse lampadario senil, meio morto, para ali quasi  
esquecido agóra.

A meio da nave aonde uns escassos reflexos de luz  
luctavam ainda no al-  
lumiár um pouco a es-  
curidão que ahí rei-  
nava, as silhuetas dos  
que entravam, de em-  
pastadas mais e mais  
na sombra, eram, por  
n'ella diluidas, como  
extranhos monges ves-  
tindo a estamenha ne-  
gra, para lá mais  
adeante, juncto ao al-  
tar-mór, se perderem  
de todo, como traga-  
das por um abysmo  
impenetravel e myste-  
rioso.

E esse homem que  
procurara a luz, e que,  
atormentado do racio-  
cinio martelladora-  
mente cruel, fugira  
para ahí á interroga-  
ção muda e pavorosa  
da noite, — desgra-  
çado que procurasse  
lá a dentro, na realeza  
d'aquella Dor um pouco  
que lhe servisse de  
diadema para a igno-  
minia e mesquinhez da  
sua! — não topava  
com uma unica atti-  
tude, não distinguia  
uma mascara sequer,  
aonde descobrir resi-  
gnação que lhe fosse  
alento e conforto pro-  
prio. D'essas figuras,  
pouco a pouco comidas  
da treva, nada mais  
que olhos brilhando  
n'uma immobilidade

cada vez mais contundente, — como almas d'antigos  
crentes, que desenganadas d'um paraíso por tanto tem-  
po sonhado, voltassem cá a baixo a interrogar na ru-  
deza tosca e ingenua d'aquelle Christo, que para ahí ago-  
nisava a meio da luz frouxa de dois cirios, um outro  
que lhes falhara lá no alto, no ceu!

JOSÉ DE FIGUEIREDO.





# A Tomada de Kartoum

No dia anunciado e na hora prevista, o sirdar Kitchener, commandante em chefe das forças anglo-egypcias em operação no Sudão deu o grande golpe que elle tinha scientificamente preparado. Os Derviches depois de uma lucta heroica foram vencidos e exterminados, sendo o kalifa obrigado a fugir abandonando os logares santos, onde levanta-se o tumulo do propheta. O mahdismo não existe mais.

Damos abaixo os detalhes officiaes e circunstanciados



O GENERAL KITCHENER  
Vencedor do Mahdi.

d'essa batalha que parece ter tido duas phases. Na primeira tratou-se sobretudo de grandes massas de cavallaria tentando abordar o inimigo a arma branca e a artilharia anglo-egypciana, admiravelmente collocada e admiravelmente dirigido repelindo esses continuos ataques pela precisão e rapidez de um tiro que decimava esquadrões inteiros. A segunda todo o exercito de Kitchener, move-se ao encontro dos Derviches que se tinham novamente concentrado e que com uma indomável obstinação precipitavam-se sobre a cidadella viva cujos muros abriam a cada instante para vomitar a metralha. Essa lucta final tinha qualquer cousa de tragico e de terrivel. Os discipulos do Mhadi sabiam bem que elles jogavam n'ella a ultima cartada e sob as muralhas da cidade santa, a vista das mulheres dos seus harems, não longe do tumulo do homem extraordinario que fundou esse imperio, galvanisando-o na sua religião; os negros combatentes, barbaros e heroicos, affrontavam serenamente a morte, no esforço supremo de um ultimo combate! A bravura e a coragem são os traços caracteristicos d'esses guerreiros nobres que constituíam abaixo do kalifa e de seus emirs, a aristocracia militar do mahdismo. Esta vez porem, ella era exaltada por todos os motivos de interesse, de sentimento e de instinto que contribuíram para salientar o valor natural de uma raça que se sacrifica. Uma justa homenagem deve ser rendida a esses soldados do fanatismo, dignos de medir-se com a flôr da cavallaria christã. E n'esse assalto final que acabou por uma medonha lucta corpo a corpo produziram-se uma multidão de acções brilhantes, que ficarão naturalmente sepultadas, no esquecimento falta de poetas ou prosadores. A batalha de Ondourman assim chamada por ter sido dada nas portas da cidade do mesmo nome, que por sua vez acha-se situada ao lado de Kartoum é o maior combate que se tem ferido n'esta ultima metade do seculo em terras de Egypto. Quando as tropas do sirdar penetraram em Ondourman e Kartoum deixaram atraz de si uma planicie juncada de quinze mil cadaveres representando o aniquilamento completo

do exercito e do poder do Kalifa. A narração official que damos em seguida é a transcripção *ipsis verbis* do telegramma relatorio enviado pelo general Kitchener ao governo inglez. Por esse documento os nossos leitores poderão apreciar em seu todo a interessante narrativa de uma serie de bellos feitos.

« As patrulhas de cavallaria enviadas esta manhã na direcção d'Oudourman descobriram o exercito derviche avançando em linha de batalha sobre uma extensão de trez a quarto milhas. Uma infinidade de estandartes fluctuavam ao vento por cima das massas de cavallaria e de infantaria dos Derviches que entoavam cantos de guerra. A infantaria ingleza tendo a direita os batalhões Sudanезes e Egypcianos recebeu ordem de sahir do Acampamento de Agaiza, tomando posição na vasta planicie que se estande um pouco a esquerda.

As sete horas e vinte minutos da manhã, os Derviches se concentravam sobre as pequenas collinas que dominam o seu acampamento e avançavam resolutamente procurando envolver as nossas tropas. A artilharia inglesa abriu incontinenti fogo ao qual respondia um nutrido tiroteio da mosquetaria inimiga. Diversos esquadrões da cavallaria derviche foram lançados contra a ala esquerda ingleza que cedeu por um momento mas soccorridas a tempo pelas duas brigadas de reserva elles foram repellidos e atirados em desordem por uma brilhante carga de bayonetas. Reunidos novamente e em maior numero atacaram com uma furia de selvagens o centro do exercito anglo-egypcio mas foram de novos mantidos a distancia e varridos por uma chuva de projectis. Começou então a retirada dos Derviches deixando o solo cheio de cadaveres.

A bravura d'esses barbaros foi incrível. Os emirs a cavallo seguidos de porta-estandartes, com um soberbo desprezo pela morte atiravam-se sobre nossas linhas sendo esbandalhados a algumas centenos de metros pela metralha da nossa artilharia.

No momento em que os Derviches começavam a retirada, dei ordem a todo o exercito de marchar em ordem de batalha na direcção de Ondourman.

As brigadas chegavam justamente ao cume das alturas visinhas do Nilo, quando os Sudanезes da ala esquerda encontraram o inimigo que tinha-se concentrado nos rochedos, a duas milhas do nosso campo, grupados em torno do estandarte preto de Kalifa para tentar um ultimo esforço.

Quinze mil derviches atacaram os Sudanезes que sustentados pelas metralhadôras Maxim, resistiram até que a esquerda e o centro sob o meu commando operaram uma conversão. Antes que os Derviches tivessem conseguido o menor successo, as nossas forças reunidas apoderaram-se dos rochedos e o inimigo surprehendido na depressão do terreno, era ceifado pelos fogos crusados



GENERAL GORDON PACHA  
Assassinado em Kartoum em 1885.



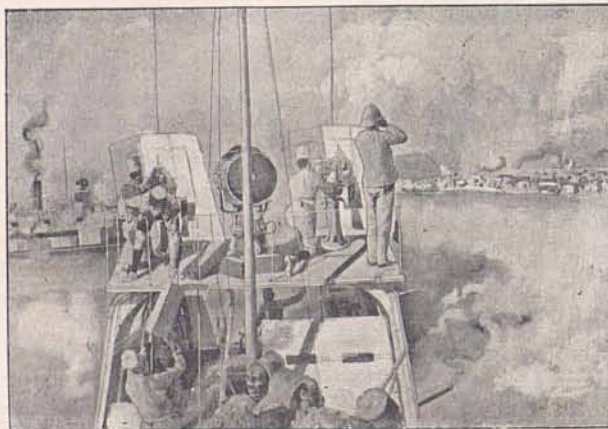
da artilharia e da infantaria. Todos os seus sacrificios foram vãos.

O exercito do Kalifa estava sensivelmente reduzido a grupos esparsos e o sólo juncado dos envolvidos em bornuzes brancos parecia um prado coberto de neve. Dei a ordem geral de avançar perseguindo os restos dos derviches que foram repellidos no deserto emquanto que a cavallaria lhes cortava a entrada sobre a cidade. Ao meio dia e um quarto, tendo em mãos o estandarte preto do Kalifado, cahido em nosso poder e acompanhado das nossas valentestropas ordonei o assalto de Ondourman que apoz una furiosa resistencia foi occupada as quatro horas.»



A estatua de Gordon em Trafalgar Square, Londres.

No dia seguinte o general Kitchener enviava ao seu governo um segundo telegramma, completando os detalhes da brilhante victoria: « Os restos do exercito mhadista rendeu-se e tenho agora um grande numero de prisioneiros. As canhoneiras e a cavallaria perseguem o Kalifa e seus officiaes que fogem procurando Khordofan. Organizo a todo a pressa um corpo de quinhentos



A flotilha do Nilo bombardeando Ondourman.

mehouras (camelos corredores) que partirão pelo deserto á perseguição dos mesmos. Visitei hoje Kartoum; a cidade está completamente em ruinas mas a parte baixa das casas está ainda em pé e o que resta de população parece nos receber com contentamento.

« Como tinha previsto a melhor situação será em Kartoum. Ondourman é uma cidade muito extensa mas cujo

estado sanitario deixa muito a desejar. Calculo o numero dos Derviches mortos em dezezete mil e tenho em meo poder alguns millares de prisioneiros. Na sua fuga, acompanhado de Osman Digma o seu primeiro capitão o kalifa abandonou o seu estandarte preto e todo o seu thesouro.»

Assim termina a communicacão official do general Kitchener, vencedor d'Athabara, Ondourman e Kartoum. O primeiro cuidado do sirdar ao instalar-se n'esta ultima cidade foi o de organizar uma solemne cerimonia, commemorando a memoria de Gordon Pacha, gloriosamente vingada treze annos depois. Justamente nas portas do palacio onde elle cahio assassinado foi levantada uma columna improvisada sustentando o busto do bravo guerreiro. O estandarte do kalifa e as bandeiras tomadas ao seo exercito jaziam por terra aos pés do monumento. O estado-maior, a officialidade e trez battalhões de Ingleses, Egyptios e Sudanezes prestavam as honras ao intrepido soldado que soube morrer em heróe. Apoz o serviço religioso as tropas desfilaram deante do monumento e a artilharia troou, recordando ainda uma vez a gloriosa carreira do legendario general. A imprensa pagou o seu tributo n'essa campanha da civilisacão sendo um dos correspondentes de guerra o aventureiro rapaz M. Hubert Howard, filho do conde de Carlisle e enviado especial do *New-York-Herald* morreu por um obus no momento em que galopava no meio de um esquadrão de lanceiros. Dois correspondentes da imprensa de Londres tambem foram feridos, n'esse dia



CARLOS NEUJELD  
(Prisioneiro do Mahdi durante 14 annos)  
e posto em liberdade: apoz a tomada de Kartoum.

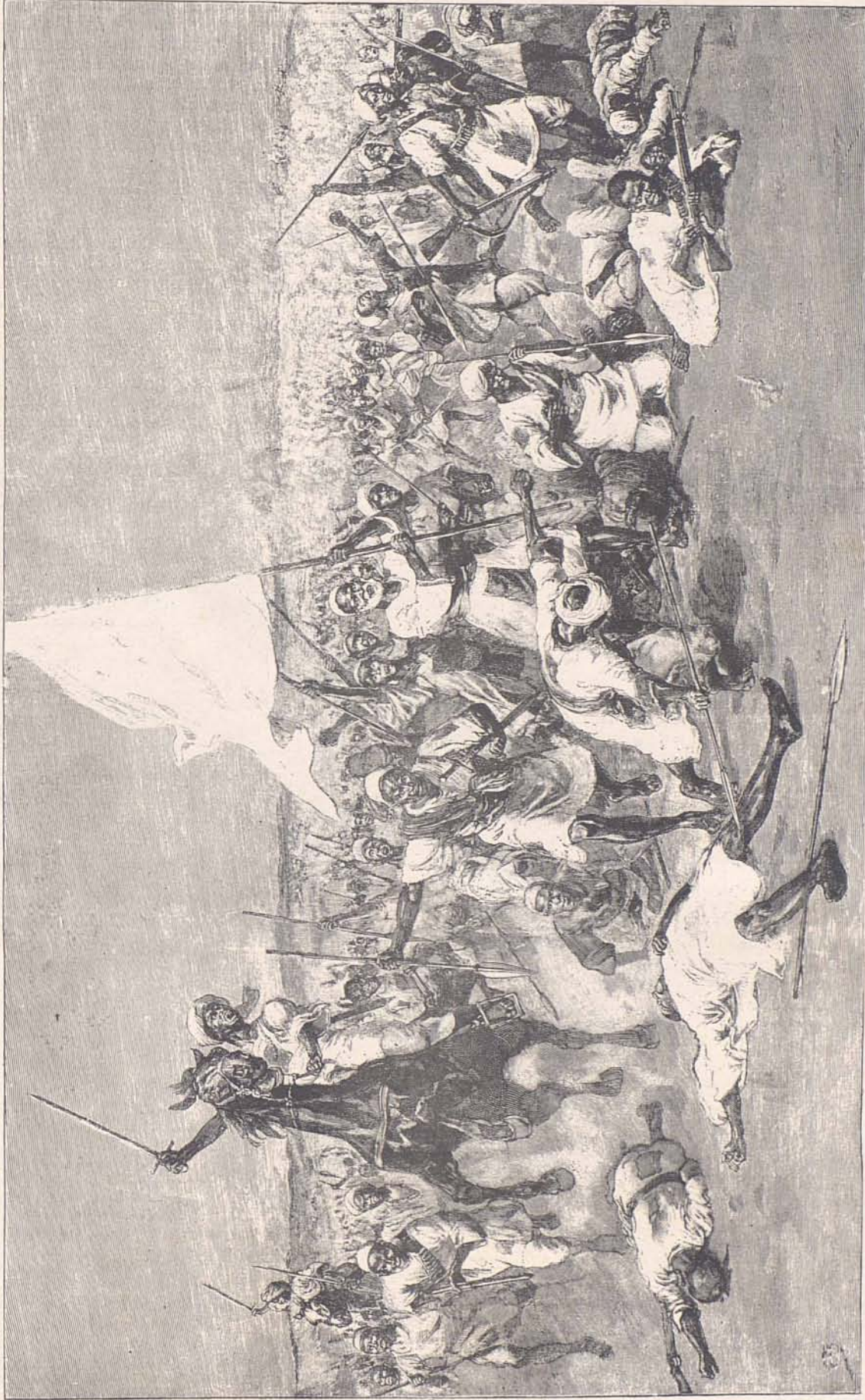
especialmente o do *Times*, M. Rhodes irmão de M. Cecil Rhodes o grande homem politico inglez.

A Rainha enviou um telegramma de felicitações ao sirdar e as suas tropas, conferindo-lhe as mesmo tempo a dignidade de par do Reino. O imperador da Allemanha que não perde a occasião de applaudir as bellas victorias, mesmo quando ellas são inglezas, telegraphou ao vencedor do kalifa nos termos os mais amaveis e lisongeiros. Em Londres as noticias recebidas do Egypto provocaram grandes manifestações populares em torno da estatua de Gordon erigida em Trafalgar Square por traz da columna triumphal do almirante Nelson. Flores e coroas foram suspensas no pedestal do monumento sobre o qual um desconhecido escreveu estas palavras « emfim vingado! »

Está pois completamente exterminado o poder do Mhadí que por tantos e tantos annos, dominando autocratamente todo o Sudão, ameaçava sem cessar o Egypto e com elle o protectorado inglez. Não mais existe essa bella cavallaria do propheta montada em fogosos corceis, que alerta e guerrilheira defendia sem fanatismo as margens do legendario Nilo. Athabara, Kartoum, Fachoda e outros grandes centros do Sudão egyptiano livres e entregues ao commercio do deserto, não tardarão a recuperar essa pittoresca animação que fará naturalmente lembrar a era florescente e gloriosa do governo do kalifa e seus emirs.

E. JORDANO.





(Illustrate Zeitung.)

A DERROTA DO EXERCITO DO MAHDI, NA BATALHA DE ONDOURMAN.



# ARTISTAS CELEBRES



Um dos últimos papeis de Jane Hading representando a *Montagne Enchantée* no theatro de « la Porte-Saint-Martin ».

**É** UMA grande conhecida do publico brasileiro essa verdadeira estrella do theatro parisiense que figura hoje na galeria das nossas artistas celebres.

Sempre bella, sempre intelligente, ella é a mesma que a dez annos atraz se fazia applaudir com tanto successo pelas plateas do Rio e São Paulo.

Jane Hading vio a luz do dia em Marselha mas não herdou por essa razão da sua cidade natal o temperamento aventureoso e atarantado que faz as delicias da *Canebière*. — A critica, que nem sempre foi justa e imparcial para com ella, censurou muitas vezes a exagerada correcção e a pronunciada monotonia do seu jogo scenico. Mas essa opinião não impedia-a de ser una das salientes figuras do theatro francez moderno e com Sarah Bernhard e Coquelin ella completa a trindade que faltem interpretado com tanto os grandes auctores antigos

lando a lingua de Moliere talento por todo o universo e da actualidade. Filha de um estimado artista que representava n'essa epocha os primeiros papeis no theatro Gymnasio de Marselha; Jane Hading, na frescura dos seus quatorze annos, ali fez a sua estréa n'uma peça intitulada *Bossu* (Corcunda). Nos primeiros annos da sua carreira, nós vemos á jovem estreada completamente indecisa dando mais tarde preferencia a opereta na qual ella colheu grandes successos, tristemente interrompidos, por um resfriamento que a privou da sua voz « de uma rara macieza e de uma harmonia sem igual » no dizer de um chronista da epocha.

Desde então o drama é o seu objectivo e ella começa o segundo periodo da sua carreira no papel de Paulette de Alaly, representando *Autour du Mariage*, de Gyp. O *Maitre de Forges*, de Georges Ohnet, representado trezentas vezes consecutivamente faz d'ella uma artista dramatica de primeira ordem. Pariz inteiro a applaudia com entusiasmo d'esde que a intelligente interprete de Clara de Beaulieu apparecia em scena no seu bello vestido de noiva.

Vieram depois as grandes *soirées* do *Prince Zilah*, de Claretie, *Sapho* onde ella encarnou com uma irresistivel seducção a heroína de Daudet, a *Comtesse Sarah* e muitas outras que vieram confirmar em Jane Hading a existencia de um verdadeiro talento artistico. Em 1887, ella foi obrigada por motivos intimos a retirar-se do theatro

Gymnase de Pariz onde tantos successos colhera e ainda o que é mais grave, deixar o director do mesmo, com quem algum tempo antes tinha se casado.

Necessitando uma grande viagem, apoz uma tão brusca mudança de vida a sympathica artista parte como primeira figura da companhia Coquelin a fazer uma longa excursão a travez as duas Americas. Ha males que nem para bem, e se não fôra o divorcio da artista e da mulhier com o seu empresario e esposo; não teria quem sabe, o publico brasileiro, a occasião de vel-a em seus theatros a futura pensionista da Comedia Francesa.

De volta a Pariz o primeiro papel que creou foi no *Vaudeville* com o *Député Leveau*. N'essa occasião Jules Claretie convida-a a representar na scena de Molière e depois de muitas combinações que ameaçaram naufragar, Jane Hading aceita definitivamente a sua entrada na Comedia Francesa, para representar *Les Effrontés* a espera que fosse para ella acabada uma nova peça de Pailleuron. Não durou porem muito tempo a tranquillidade da nova pensionista da primeira scena do theatro francez.

A sua bella e imponente figura o seu typo nobre e correcto de dama patriciana, a sua fronte intelligente e aureolada por tantas glorias, tornou-a uma creatura suspeita em meio das antigas da casa. Uma conspiração surda e latente dirigida por uma das veteranas perseguio por continuas intrigas aquella, cuja concurrencia temiam. Jane revoltou-se contra tantas mesquinhas praticadas no templo d'Arte e n'uma carta a Jules

Claretie, exigio a sua demissão. A sua carreira theatral continou sempre no primeiro plano e dominando as primeiras plateas de Pariz e das grandes capitais. Ultimamente, com a surpresa de muitos ella aceitou um contracto na *Porte S. Martin* tendo Coquelin como director, e uma das recentes peças em que ella destacou-se foi *La Montagne enchantée*. Na data em que escrevemos estas linhas Jane Hading a exemplo de Sarah Bernhard, e Coquelin, organisou uma companhia por sua conta e sob a sua direcção; declarando a um redactor do *Figaro* que « nunca mais ella se ligará com empregarios e nem aceitará o mais vantajoso dos contractos ».

A grande artista está disposta a guardar por todos os meios a sua inteira e completa independencia e na longa *tournee* de dous annos que ella vai faser nas capitais europeas, *l'Aventurière*, *Princesse de Bagdad*, *Maitre de Forges*, *Dame aux Camélias*, *l'Etrangère*, *Adrienne Lecouvreur*, *Visite de Noces*, constituem as peças salientes do seu repertorio que irá até o Cairo e a Dinamarca, a Suecia e Constantinopla, S. Petersburgo e Bucarest. Antes da partida de Jane Hading, uma deslumbrante exposição de suas *toilettes* foi feita nas salões de uma costureira celebre. Inutil affirmar o entusiasmo que levantará em todos os paises essa bella e talentosa artista cuja cadencia do audar uma critica theatral comprou a marcha de uma estatua.

SPECTATOR.



JANE HADING  
Photographia de Reutlinger, 1897.



# O Golpe d'Estado de Peking

A CHINA é um paiz de mysterio e de surpresa. A sua organização social é antiga e complicada como a sua arte, os costumes nacionaes e os principios religiosos tradicionaes e immutaveis como o ceu, do qual ao que parece descende o seu imperador.

Para o europeu — aquelle que viajando se interessa e procura entrar no intimidade dos povos — a China tem sido uma terra hostil e fechada onde só se penetra pelas brechas feitas a ferro e a fogo. — E d'esta hostilidade, do patrio isolamente d'estes quatrocentos milhões d'almas, resultou que o Imperio Celeste pareceu com effeito ser extra-terrestre, região, enigmatica como os seus idolos, que ficasse para alem da esphericidade do nosso globo n'um velho appendice que a gravitação um dia ou outro arrancaria atravez espaços. Recentemente porem, a guerra que o Japão rapidamente e victoriosamente fez ao velho imperio despertou a cubiça dos colossos que hoje governam o mundo. A Inglaterra que de ha muito sondara os portos da casta chinesa, a Russia que

agencias Cooks, só sera reconhecivel e desacreditada pelas imitações grotescas da sua industria e da sua arte que foram fortanto tão grandes!

Emquanto não chega porem esse momento, a China reaje, e a sua reacção é tanto mais para fazer meditar, que é uma mulher velha e encarquilhada como o imperio que ella representa, que violentamente se apodera do poder para que se não toque na secular e sagrada comprehensão dos costumes da organização social, politica e religiosa.

Essa mulher é a velha imperatriz, tia do actual imperador e viuva do imperador Tsien-Fung que morreu em 1861.

A influencia d'esta mulher tem sido longa e poderosa. Com o auxilio do seu conselheiro favorito Li-Hung-Chang. A imperatriz, tem governado sempre o imperio chinez, dominando pela sua intelligente vontade o caracter indolente e fraco de seu sobrinho, ser melancolico e debil mais propenso a tranquillos passatempos de cõrte que á resolução dos graves problemas governamentaes.

Kuang-Su, imperador anemico de rosto fino e palido, teve porem dois conselheiros maos ou bons segundo o modo por que se encare o problema da civilização na China.

Esses conselheiros, homens d'estado e habeis diplomatas eram : Chang Yen-Wan, partidario da politica ingleza, rival de Li-Hung-Chang, fazendo parte do *Tson-Li-Yamen* (conselho encarregado dos negocios estrangeiros) director dos caminhos de ferro imperiaes e das finanças nacionaes, antigo ministro da China em varias capitães d'Europa e d'America — e Kang-Yu-Wei perceptor do imperador sem posição official definida meio secretario, meio confidente, mas cuja influencia pessoal sobre o imperador parecia ser decisiva.

Ao que parece foram estes dois homens os instigadores se não os organisadores das novas reformas que o imperador por successivos editos quiz impor á China. A base d'essas reformas era a introdução do progresso europeu na vida social e economica do *Celeste Imperio*.

Como era de esperar, uma attitude tão estranha do Imperador assustou o paiz e indignou os mandarins. Como! O filho do ceu, proclamava a superioridade dos homens do occidente, da sua civilização barbara das suas machinas velozes e destruidoras, dos seus meios mysteriosos e magicos de corresponder a longas distancias! Como! Kouang Su ousava ordenar que o imperio tivesse um *budget*, que este fosse conferido e publicado todos os trez mezes, que os mandarins ficassem assim sob a fiscalização de um conselho supremo e, central! Uma conspiração surda formou-se na cõrte e, secretamente, levou as suas queixas ao palacio de verão d'Iho Zuen, onde a velha imperatriz vivia afastada do sobrinho e da sua nova politica.

O espirito conservador e energico da velha soberana excitado pelos mandarins, despertou com o vigor dos antigos tempos e por seu conselho o partido dos mandarins começou a revolta pelo rapto do imperador que foi encarcerado ao que parece, affirmando mesmo muitos jornaes inglezes que soffreu morte violenta.

Os seus dois conselheiros e ministros foram igual-



KOUANG SU  
Imperador da China.

pacientemente se fora encarreirando pelos territorios da fronteira, e se alastrara e se impozera; a França que de ha annos levava a sua influencia até Peking, a Allemanha que pressentindo a partilha quiz o seu quinhão, todos os povos fortes e civilizados e ambiciosos emfim, abordaram a esta terra amarella e pacifica que tivera a grande inconsciencia — quão sublime! — de, no lento caminhar do seculos só ver a marcha para um ideal de paz e não se ter preparado para a guerra.

Povo pacifico, povo perdido, disse não sei quem; um inglez decerto. E esta verdade cynica quão bem vae ao misterioso paiz asiatico! Dentro em poucos annos talvez a China devidida pelos caminhos de ferro russos, inglezes, allemães e francezes, retalhada segundo as ambições commerciaes dos agentes d'estes povos civilizados, opprimida e devastada como terra de barbaros, vestida á moderna, de Chapeu alto e sobrecasaca, de braço dadoaos interpretes, numerosos de numerosas



mente perseguidos. Um d'elles Kang Yu Wei conseguiu fugir e refugiar-se a bordo de um navio inglez onde fez as mais sensacionaes revelações, affirmando que tudo fôra devido em grande parte á influencia russa e ao apoio que esta secretamente concede a Li-Hung-Chang; o outro foi deportado e não mais voltará da terra nefasta onde cumpre o seu degredo.

Depois d'este golpe d'estado que abalou Pekin e agitou o mundo inteiro a Imperatriz Tsou-Hsi tomou as re-deas do governo e aboliu é claro todas as medidas que recentemente, pelos editos do imperador, tinham assustado e enraivecido os poderosos mandarins senhores verdadeiros do imperio.

A velha China está salva, d'esta vez pelo menos, e o artista ebrio de aspectos pittorescos não terá de temer por enquanto que ao brilho das sedas, ao oiro dos bordados e ao phantastico aspecto da multidão chinesa se substitua a uniformidade dos estofos europeos e a unificada frieza das cidades civilizadas.

O mundo diplomatico tirou d'este facto pretextó para novas e energicas medidas e d'elle concluiu que a rivalidade entre a Inglaterra e a Russia mais se accentuava n'este terreno do extremo oriente tão erigido de obstaculos e precepicios. Não é de todo impossivel e é mesmo provavel que a Russia embora muito indirectamente tivesse pesado sobre a resolução, dos conservadores chineses sabendo, como sabia, que os dois ministros conselheiros de Kouang-Su eram afeiçoados á politica britannica e que de ha muito serviam discretamente os interesses da Grande Bretanha em China, não admira que mais se afeiçoasse ao partido da velha imperatriz e d'esta afeição procurasse tirar o mais largo e rendoso partido.

Parece porem que a revolta de Pekin teve como principal origem — como o principio dizemos — o ataque brusco do jovem imperador contra os costumes do celeste imperio.

Nada ha para alterar a paz interior como ordenar mudança de habitos embora insignificantes. Creio bem que se um ministro dictador da nossa terra quizesse supprimir por lei a introdução das modas de Pariz e pretendesse obrigar as nossas gentis leitoras ao trajo grego, muito elegante sei mas demasiadamente recuado, não tardaria que uma revolta se alastrasse pela Republica e derrubasse tão insensato estadista.

Imagine-se pois o que nas familias chinezas foi de alarido quando em logar do rico manto de seda multicolor, o chefe da familia procurou ajustar para obedecer ao edito imperial um *pardessus* claro á ingleza, e sobre a cabeça rapada e de rabicho tentou equilibrar um chapéu alto em vez do gorro bordado! Felizmente que lá estava a velha imperatriz a vigiar, e que logo para contraste e maior prova de amor pelas tradições escolheu seus ministros d'entre os mandarins que mais odio incar-

nam ao estrangeiros e ás invenções dos homens brancos d'occidente.

O ministro do commercio e da agricultura — para citar só esse — nunca quiz andar n'um barco a vapor e muito menos viajar em caminho de ferro.

Abençoado commercio e abençoada agricultura que assim desconhece as pomposas e frequentes recepções nas gares por onde, em gostosa vilegiatura os ministros do occidente passam e repassam.

É verdade que se todos os funcionarios seguem o exemplo de tal ministro, não admira que regiões inteiras estejam enfiadas de bandidos e que a segurança do viajante em China seja um pouco inferior á do explorador do centro africano.

A gravura que aqui publicamos — desgracioso *pendant* ao retrato do imperador — é o *croquis d'après nature* de um famoso chefe de bandidos que ha tempos reinava — o termo é exacto — e que afinal talvez por a caso caiu nas mãos das autoridades.

Do golpe d'estado de Pekin que nos occupa uma figura apparece grande e sinistra.

Essa figura é a da Imperatriz Tsou Hsi, algo Maria de Medicis algo Anna de Austria, talvez uma e outra, mulher de governo e de intriga em todo o caso, sobre a qual mysteriosamente correm lendas, que por noites serenas e estreladas, fazem tremer a voz dos narradores peregrinos que vão de provincia em provincia, como os trovadores medievos.

É possivel que o lado sinistro da imperatriz exista só porque a sua vida é mysteriosa e retirada e porque a sua influencia poderosa apparece em todos os momentos de crise e os resolve e os

domina como um genio superior e inflexivel.

Poderá ella impedir o desmoronamento da vasta terra chinesa que ella parece encarnar na sua velhice teimosa?

A sua intelligencia que dizem grande conseguirá pondo a Russia e a Inglaterra em presença evitar por algum tempo a ambição de uma e a rapina de outra? Só o futuro o poderá dizer.

O destino dos povos é fatal como o dos homens e quando chega a hora da desmoronamento as mais extraordinarias energias nada podem contra a fatalidade das coisas.

Os povos civilizados e industriaes, acirrados pela concorrência de suas energias, procuram campos vastos para desenvolvê-las. A China apresenta-se hoje como o melhor terreno para o desenvolvimento do commercio europeu e como os discipulos de Confucius desprezam a guerra e adoram a paz, nada impedirá a força das outras nações conquistadoras e armadas, de partilhar, *civilizar* e aniquilar este imperio que por ser *celeste* tão pouco pensou na maldosa cubiça dos outros povos da terra.



LI-UN  
Chefe dos Pavilhões-Negros.

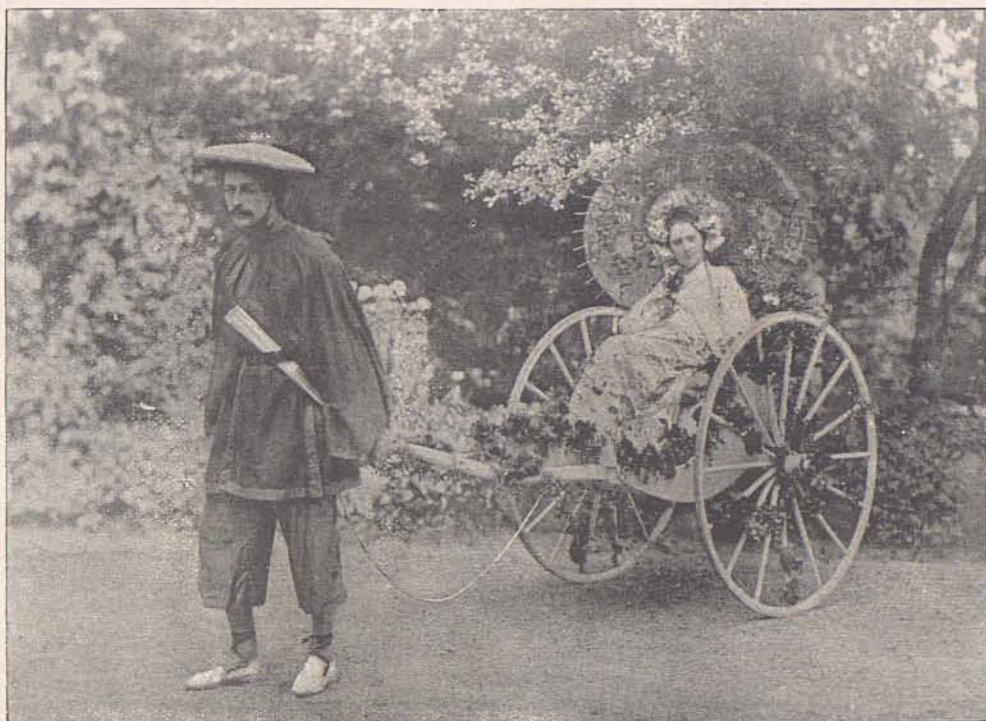


# SPORT

## Ultimo echo da batalha de flôres de Baden.

No ultimo numero da *Revista Moderna* tivemos occasião de tratar n'esta mesma secção do « Sport », da grande batalha de flôres de Baden que é uma das maiores atrações das festas de verão que annualmente tem lugar n'esta pittoresca cidade allemã. Na ligeira descripção que fizemos dos carros que maior successo obtiveram, mencionamos especialmente o original e pequeno *cabriolet* japonês, occupado pela jovem e bella princesa de Hohenthal que se deixava graciosamente arrastár pelo sympathico rapaz o conde de Herrn. Somos felizes em poder enserir na *Revista* e apresentar ao mesmo tempo as nossas leitoras, a reprodução d'um instantaneo photographico d'esse interessante grupo que tanto successo causou na alta sociedade allemã e no publico em geral. A princesa de Hohenthal é uma elegante senhora pertencente á grande nobreza prussiana e filha do actual embaixador da Allemanha em Londres.

THEODORO DE WILLY.



(Hof. Phot. B. Baden.)

O Conde de Herrn e a princesa de Hohenthal, na batalha de flôres em Baden.

## Dois grandes duellos.

A moda do duello, feliz ou infelizmente não se acha introduzida entre nós; mas não seria de todo máu que certas questões de honra, traidas em geral para a *secção livre* da imprensa onde na maioria das vezes são



O duello Castellane-Turot.

afilada de um florete o numero dos frequentadores dos « a pedidos » baixaria consideravelmente, e a moralidade do jornalismo e dos cidadãos só teria com isso, muito á ganhar. Dous duellos de grande sensação realisaram-se ultimamente em Pariz no espaço de trez semanas, em virtude de artigos de imprensa, sendo forçado a ir duas vezes para o terreno o jornalista Turot um dos redactores da « Lanterna ».

O Snr. Conde de Castellane, jovem fidalgo francez,

calumniosamente tratadas, fossem liquidadas por um modo mais decente e eficaz, que as descomposturas mutuas e as bengaladas nas portas das confeitarias. Se essas mesmas questões, fossem de tempos em tempos regularizadas pela mira de uma pistola ou deante a ponta

millionario cem vezes, pelo casamento que ha alguns annos contrahio com uma riquissima americana, foi ultimamente eleito deputado, pelo departamento dos « Baixos Alpes ». Um artigo assignado pelo Snr. Turot apparece no jornal *Petite République* criticando as eleições e o candidato eleito, e ainda mais, factos da vida privada do mesmo. O Conde de Castellane que, respondendo a conselhos de amigos, declarara estar decidido a não admittir, na sua carreira politica, que qualquer questão pessoal fosse discutida pela imprensa, exigio uma reparação pelas armas, insistindo que o combate não cessaria sem um ferimento grave que puzesse um dos adversarios em estado de não poder continuar. O encontro foi combinado, á beira do Sena ao lado da ponte de Neuilly e á hora aprezada os adversarios acompanhados dos medicos e testemunhas descem dos seus respectivos carros.

As dez e meia os contendores são collocados frente á frente e o director do combate pronuncia as palavras usuas *Allez Messieurs!* De um lado a figura elegante e correcta do jovem conde de Castellane e de outro a massa imponente e pesada do jornalista Turot; o primeiro representando a ligeireza e agilidade aristocrata e o segundo a força um tanto « povo »; mas ambos calmos e sem medo do perigo, dispostos a bem trabalhar. Nos primeiros ataques seguidos de um descanso de um minuto, foram somente constatadas algumas pequenas arranhadellas sem valor; mas no terceiro, desviando um golpe, o Snr. Turot, descobre-se, recebendo em cheio uma estocada que lhe atravessa o braço direito um pouco abaixo do hombro. Uma grande hemorragia se produz e a mão sem forças para sustentar o florete deixa cahir a arma, finalizando o combate. O conde de Castellane comprimenta o adversario que nos braços do seu medico e rodeado de alguns amigos recebe os primeiros curativos e dirige-se para o seu carro, acompanhado do seu pro-



fessor de esgrima que o felicita com entusiasmo.

Os testemunhas redigem a acta do encontro e tudo se termina sem maiores desgraças.

\* \* \*

Trez mezes depois d'esse ultimo encontro, isto é nos primeiros dias de Outubro o Sr. Turot é novamente desafiado e ferido n'um outro duello que provocou em toda a França uma grande repercussão, devido ás circumstancias tragicas que o precederam. A imprensa, favoravel á revisão do processo Dreyfus, atacou o Sr. Paulmier, deputado de Calvados, por ter dirigido uma carta ao ministro da guerra, pedindo-lhe que fizesse cessar a campanha que esses mesmos jornaes faziam contra o exercito. O Sr. Turot na *Lanterna* que é um orgão revisionista, escreveu um pequeno artigo contra o deputado de Calvados, procurando ridicularisal-o e terminando com allusões desrespeitosas a M<sup>me</sup> Paulmier. Essa, senhora revoltada contra semelhante ataque, e não querendo esperar a chegada do marido, que achava-se n'uma das suas propriedades na provincia; resolveu, sem perda de tempo faser justiça por suas proprias mãos.

No mesmo dia do apparecimento do artigo em questão, dirigio-se M<sup>me</sup> Paulmier as cinco horas da tarde a redacção da *Lanterna*, e armada de um revolver que trasia occulto na sua *pelle-rine*, fez-se conduzir ao gabinete do director, o Sr. Millerand, que felizmente para elle achava-se ausente.

M<sup>me</sup> Paulmier que não conhecia pessoalmente o director da *Lanterna*, vendo-se no gabinete em frente a um jornalista que trabalhava na sua meza, disparou-lhe trez tiros, dos quaes dous, feriram-no gravemente no ventre. Esse pobre homem que nada tinha com a questão era o Sr. Ollivier, gerente do jornal, que vendo-se assim atacado e ferido, corre pedindo socorro, enquanto que M<sup>me</sup> Paulmier, depositando a sua arma sobre um aparador, desce tranquillamente esperando na sala do porteiro a chegada do commissario de policia, para constituir-se prisioneira.

O deputado de Calvados, avisado por telegrammas, chega á noute a Pariz, já encontrando a sua mulher na prisão. M<sup>me</sup> Paulmier é uma grande senhora, loura, de 35 a 40 annos de idade, bastante conhecida pela sua elegancia e mundanismo. Revelou, uma extraordinaria coragem e sangue frio, não mostrando o menor arrependimento pelo acto que praticou; somente lamentando ter atirado por engano, e ferido um innocente. O deputado Paulmier enviou no dia seguinte os seus amigos conde de Dion e Jean Beraud encarregados de exigir do director da *Lanterna* uma reparação pelas armas. O Sr. Millerand, declinou a sua responsabilidade, uma vez que o Sr. Turot declarara ser o auctor e unico responsavel pelo artigo. Um jury de honra consultado sobre a questão, decidiu que era ao Sr. Turot que devia ser exigida, a satisfacção pedida ao Sr. Millerand. Ficou então

decidido que o Sr. Paulmier accitaria o Sr. Turot como adversario; e que o encontro, rodeado das mais rigorosas condições se realisaria no dia seguinte as dez da manhã, em um terreno cercado e dependencia da fabrica de automoveis do Sr. de Dion em Puteaux.

Na hora aprazada, adversarios, testemunhas, medicos e uma centena de curiosos, lá estavam e o combate, dirigido pelo Sr. conde de Dion, comecou por um furioso e encarniçado assalto. O Sr. Turot, moço, grande e forte, duellava sem camisa, tendo apenas um leve *tricot* sobre o corpo. O Sr. Paulmier, muito mais velho, que o seu adversario, parecia de uma agilidade extraordinaria; pequeno e delgado manifestava-se elle um esgrimista de primeira ordem, dando a ideia de alguém que tem practicado ha muito tempo todos os sports. Uma lueta seria e apaixonada, seguida de ferimentos leves de ambas as partes, conduz os dous rivaes até o sexto ataque.



O duello Paulmier-Turot.

No ardor da peleja o director do combate teve que intervir separando um « corpo a corpo » que já sahia das regras dos duellos. No sexto e ultimo ataque, do peito do Sr. Turot corre um pequeno filé vermelho ensanguentando-lhe o *tricot*; e um segundo depois antes que as testemunhas, tivessem tempo de verificar o ferimento, o florete do Sr. Paulmier enterra doze centimetros de ferro na coxa esquerda do adversario. Se bem que a estocada do peito fosse considerada sem gravidade, a da perna, seguida de forte hemorragia, provocou um tremor muscular que impedia o Sr. Turot de conservar-se em pé. O combate foi naturalmente suspenso e terminado, visto a inferioridade manifesta de um dos contendores e os assistentes d'esse duello memoravel, respiraram com allivio, pois quasi todos acreditavam que o fim do encontro seria forçosamente, fatal a um dos adversarios, não só pelas rigorosas condições que tinham sido de antemão feitas, mas tambem pela colera surda que dominava os dous combatentes. M<sup>me</sup> Paulmier, presa durante oito dias foi, esperando o seu proximo julgamento, posta em liberdade condicional. O Sr. Ollivier, o infeliz gerente da *Lanterna* independente das duas balas que lhe atravessaram os intestinos, escapou milagrosamente e hoje está em franca convalescença.

S. MARCELLO.





## a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 23



**G**ONÇALO, que chegara n'essa manhã muito cedo d'Oliveira, recolhia para o almoço, depois d'um fresco passeio no pomar, percorrendo vagamente a *Gazetado Porto*, quando, ao atravessar o pateo de horta, enxergou no banco de pedra, debaixo

da latada, junto da porta da cosinha, o Casco, o José Casco dos Bravaes, esperando, pensativo, com o chapeo sobre os joelhos. Vivamente, o Fidalgo alargou o passo para se esquivar, remergulhou no jornal. Mas percebeu a figura esgaldada do Casco, que surdia da sombra da latada, avançava no sol forte do pateo, hesitando, como assustada. E foi elle então que se voltou com um sorriso condescendente — em quanto o Casco, enrolando nas mão tremulas a aba dura do chapeo, balbuciava :

— Se o Fidalgo me quizesse fazer a esmola de uma palavra...

— Ah! é você, Casco! Homem, não o conheci... E então?

Dobrar o jornal, serenamente, sentindo o bater forte, o sobresalto do coração. E o Casco, como engasgado, repuchava o pescoço, num esforço, até que lançou toda a alma n'uma supplica soluçada, retendo as lagrimas que marejavam :

— Ai, meu Fidalgo, perdoe por quem é! Perdoe... Que eu nem lhe sei pedir perdão!

Gonçalo, tranquilizado, atalhou logo com uma gravidade suave e magnanima :

— Escute, Casco! Não fallemos mais do que se passou... Eu bem o avisei de que as cousas não se levam a gritar, de pau erguido... E olhe! Quando você me sahio ao pinhal, eu levava um revolver na algibeira... Trago sempre um revolver. Desde que uma noite em Coimbra, no Choupal, dous bebados me assaltaram, ando sempre á cautella com o revolver... Pense você agora que desgraça se eu tiro o revolver, se desfecho!... Que desgraça, hein?... Felizmente, n'um relance, pensei que me perdia, que o matava, e fugi. Foi por isso que fugi, para não desfechar o revolver... Em fim tudo isso passou, envelheceu. E eu não sou homem de rancores, já esqueci... Com tanto que você,

agora socegado e no seu juizo, esqueça tambem.

O Casco conservava a cabeça derrubada, torturando as abas do chapeo. E sem a erguer, com um acabrunhado suspiro :

— Pois agora é que eu me lembro sempre, meu Fidalgo!... Agora é que me ralo por aquella doidece!... É agora, agora! depois do que o Fidalgo fez pela mulher e pelo pequeno!...

Gonçalo sorriu sinceramente, com um gesto que apoucava, apagava esses serviços :

— Ora essa, Casco! Que tolice!... Pois a sua mulher apparece ahi, n'uma noite d'agoa... E o pequenito doente, coitadito, com febre... E como vae elle?

O Casco murmurou, erguendo para o Fidalgo um sorriso acanhado :

— Agora, louvado seja Deus, muito sãozinho, muito rijinho.

— Ainda bem... Ponha o chapeo. Ponha o chapeo, homem! E adeus!... Você não tem que agradecer, Casco. E olhe! Traga cá um dia o pequeno. Eu gostei do pequeno. É espartinho!

Mas o Casco não se movia. E com outro fundo soluço, que lhe levantou o peito :

— É que eu não sei como heide dizer, meu Fidalgo... Lá o dia de cadeia, acabou! Eu tenho genio, fiz a asneira, com o corpo a paguei. E pouco paguei, graças ao Fidalgo... Mas depois quando sahi, quando soube que a mulher viera de noite á Torre, e que o Fidalgo até a embrulhara n'uma capa para ella se não molhar, e que depois não deixara sahir o pequeno...

Parou, suffocado pela emoção. E como Gonçalo, já commovido tambem, ainda se esforçava, sorrindo, em attenuar « cuidados tão naturaes, n'uma noite d'aquellas... » — o Casco rompeu, n'uma grande voz quebrada :

— Mas é que o Fidalgo não sabe o que é para mim aquelle pequeno!... Desde que Deus m'o mandou tem sido uma paixão cá por dentro, que até parece mentira!... Olhe que n'essa noite que passei na cadeia da villa, não dormi... E Deus me perdoe, não pensei na mulher, nem na pobre da velha, na minha pobre mãe, nem na pouquita terra que amanho, tudo ao desamparo... Toda a noite se foi a pensar : — « ai o meu querido filhinho! ai o meu querido filhinho! » E depois quando a mulher, logo pela estrada, me diz que o Fidalgo ficara com elle na Torre, e o deitara na melhor cama, e mandara recado ao medico!.. E depois quando soube pelo Snr. Bento que o Fidalgo de noite ia ver se elle estava bem coberto, e lhe entalava a roupa, coitadinho...

E arrebatadamente, n'um vivo choro, gritando : — « Ai meu Fidalgo! meu Fidalgo!... » — o Casco agarrou as mãos de Gonçalo, que beijava, rebeijava, molhava de grossas lagrimas soltas.



— Então, Casco! Que tolice!... Deixe homem!

Gonçalo, pallido, desprendia as mãos, repellia o Casco — até que ficaram direitos, face a face, no soalheiro pateo onde os gallos cacarejavam, o Fidalgo a pestanejar, com as pestanas molhadas, o lavrador dos Bravaes soluçando, todo a tremmer. E foi elle por fim que, recalçando um derradeiro soluço, se recobrou gravemente, desafogou da idea que o trouxera, que de certo muito o trabalhara, e qué agora lhe enrijava a face e o gesto n'uma determinação que nunca vergaria :

— Meu Fidalgo, eu não sei fallar, não sei dizer... Mas se d'aquí por diante, seja para que for, o Fidalgo necessitar da vida d'um homem tem aqui a minha!... Quando precisar d'um homem, tem aqui o José Casco. Homem seu, e homem para tudo!... E é so acenar, meu Fidalgo!

Muito serio, o Fidalgo acceitou, estendeu a mão ao lavrador :

— Obrigado, José Casco.

— Então está entendido, meu Fidalgo, e que Deus o abençõe.

Gonçalo, perturbado, enfiou pela porta do pomar -- em quanto o Casco atravessava o pateo, vagarosamente, com a cabeça erguida, como homem que devêra e que pagara.

Galgando as escadas para a livraria, Gonçalo murmurava — : « Ora esta! Cousa assim!... » E depois, parado deante da varanda, pensou com espanto como, n'este mundo sentimental, se ganhavam, facilmente, quasi gratuitamente, dedicações! Por que elle tratara o pequeno do Casco com uma caridade bem simples, bem banal... Quem não impediria que uma creancinha, com febre, continuasse de noite, por uma escura estrada, debaixo da chuva? E quem a não deitaria, não lhe traria um grog, não lhe entalaria os cobertores para a conservar bem quentinha? E por esse grog e por essa cama — e por que os fornecera muito singelamente o Fidalgo da Torre — vem o pae, tremendo todo e chorando, offerrecer a sua vida! Oh, senhores! como era facil ser Rei — e ser Rei popular!

Durante o almoço ainda ruminou este caso do Casco. E mais lhe confirmava as recommendações do Cavalleiro, na vespera, no Largo d'El-Rei — onde o Cavalleiro passara a noite, n'um ferrenho voltarete com o Barrolo e o Mendonça, em quanto Gracinha ao lado trabalhava n'um vago crochet... — « Tu agora na Torre (recommendara o Cavalleiro) trata de arranjar popularidade... Muito aperto de mão, e « olá compadre amigo », e festinhas á pequenada, e sempre um copo de vinho no pateo... A eleição está segura, mas precisamos d'uma votação popular, espontanea, toda d'entusiasmo... E sobretudo não arredes da Torre ». Assim recommendara o bello André entre duas vasas. E com effeito precisava começar os seus giros nos arredores, acarinhar os influentes, o velho Gramilde da Riosa, o Visconde de Rio-Manso, o Dr. Alexandrino... Sim! mas a sua Novella, tão atrazada?... Ainda n'essa manhã, ao aprear na Torre, desábara sobre elle outro telegramma do Castenheiro, angustiado! E como elle emprehenderia todo esse serviço de seducção eleitoral, com uma actividade mais livre, se, primeiramente em tres ou quatro dias inspirados, labutando n'um apêgo de monge Benedictino, findasse aquelle capitulo III tão difficil, o seu lance

supremo, o sombrio rasgo barbaro do velho Tructesindo...

— Hein?... Se eu durante tres dias me fechasse na livraria, em mangas de camiza, com uma immensa caneca de café? Acabava talvez o Romance. Que descanso!

Immediatamente, n'esse fervôr, logo depois d'almoço, começou por preparar uma resma nova de tiras de papel. E, estirado na poltrona á janella, releu, para remergulhar no espirito da obra, os dous capitulos acabados. Que surpresa! que contentamento!... Toda essa primera parte, caramba! lhe parecia soberba, assim considerada serenamente, longe do ardor e das illusões da criação! Na batalha de Canta-Pedra, quanto arranque e bello fragor! E no começo do capitulo III, na hoste do Bastardo subindo para Santa Ireneia com coriscos d'armas sob o sol d'Agosto, quanta magestade epica!... Depois, para se penetrar bem intensamente do feito de Tructesindo, repassou no Poemeto do tio Duarte o lance formidavel — e terminou por adormecer, derreado com a madrugada em Oliveira, e com as duas horas de calhambegue pela esbarrondada estrada da Nendinha. Quando accordou pesado, sem elasticidade e limpidez para o trabalho, pensou na urgencia d'uma visita ao Gouveia, ainda convalescente do seu longo abcesso na garganta. Toda a tarde a passou em Villa-Clara com o Administrador, ainda estirado no campê de palinha, de barba crescida, fraco, e, para poupar a garganta, arriscando apenas, com coutellosa lentidão, espaçados murmurios. E não voltou á Torre — jantou com o Manoel Duarte e com outros, no Gago, que preparara para esses senhores, os seus dois piteus famosos, a caldeirada de lullas e o pato com macarrão. Depois á noite na Assembleia, encutando a sua « caça á popularidade », acceitou um convite do Commendador Romão Barros, do massador e burlesco Barros, para o brodio faustoso com que elle celebrava, na sua quinta da Janella Branca, a festa de S. Romão.

E essa semana inteira, depois outra, as dissipou assim com os amigos de Villa-Clara, ou preguiçando sob os arvoredos de Torre, ou a cavallo pelos arredores quando as lentas tardes de Agosto refrescavam. Por vezes na livraria considerava, coçando desconsoladamente a cabeça, as tiras brancas d'almoço, o seu Capitulo III encalhado... Mas qué! não podia, com aquelle calor! E naturalmente o Castanheiro, agora com as ferias e Lisboa escaldando, não pensava tambem nos *Annaes*.

N'estes passeios não se descuidava das recommendações do Cavalleiro, — e enchia sempre o bolso de rebuçados d'avenca para atirar ás creanças. Mas n'uma carta ao André já lhe confessara — « que realmente não tinha geito, nem achava formulas novas para arranjar popularidade, por que não sabia mais do que palestrar familiarmente com os homens, comprimentar pelo seu nome as velhas ás soleiras das portas, gracejar com a pequenada, e se encontrava uma boeirinha de saiasita rota dar cinco tostões á boeirinha para uma saiasita nova — e todas essas cousas naturaes sempre as fizera, naturalmente, desde rapaz, sem lhe conquistarem influencia sensivel »... Todavia já n'uma tarde, encontrando junto da Torre o velho Cosme de Najejas, e depois, n'outra tarde, crusando ás *Ave*



*Marias* na Bica-Santa o Adrião Pinto do logar da Levada, ambos homens importantes em Eleições, lhes pedira os votos, desprendidamente e rindo... E quasi se assombrara da promptidão, do fervor, com que ambos se offerceram. « Para o Fidalgo? Pois isso está entendido! Ainda que se votasse contra o Governo, que é pae!... » E em Villa-Clara, com o Gouveia, que já se barbeava, e recomeçava a descer á Assembleia de manhã para ler os Jornaes — Gonçalo deduzia d'estas offeras, tão acaloradas, a intelligencia politica da gente do campo:

— « Está claro que não é pelos meus lindos olhos! Mas sabem que eu sou homem para falar, para lutar pelos interesses da terra... O Sanches Lucena não passava d'um Conselheiro muito rico e muito mudo! Esta gente quer deputado que falle que lide, que imponha... Votam por mim, por que sou uma intelligencia, e não, como o Sanches, uma carta de Conselho com duzentos contos! »

E o Gouveia murmurava, contemplando pensativamente o Fidalgo:

— Homem! quem sabe? Você nunca experimento, Gonçalo Mendes Ramires. Talvez seja realmente pelos seus lindos olhos.

N'um d'esses passeios pelos arredores de Villa-Clara, n'uma tarde em que a calma pesada não abattera, Gonçalo atravessava o logarejo da Velleda, no caminho de Canta-Pedra. Ao fim dos casebres colmados que se apertam a orla da estrada tortuosa e mal empedrada alveja, muito caída, n'um largo, defronte da Igreja, uma taverna famosa, « a venda do Pintainho », onde os vistosos caramanchões do quintal e a nomeada do coelho guizado ajuntam grande povo nos dias da feira da Velleda. Gonçalo, já desde a Torre torturado por uma sede immensa, parou deante do portão da venda, gritou pelo Pintainho, e pediu uma sangria bem fresca. O Pintainho (velhote curto, roliço, de cabello amarello) correrá, erguendo o copo, risonho e todo honrado com a paragem do Fidalgo. E Gonçalo saboreava a sangria, lenta e consoladamente — quando da janella terrea partio um assobio, muito fino, muito trinado, como os dos arrieiros que animam as bestas a beber nos riachos. Gonçalo deteve o copo, varado. A janella, com as mãos sobre o peitoril, assomara um latagão airoso, de face clara e suissas louras, que, de cabeça levantada, n'um descarado modo de pimponice e desafio, o fitava atrevidamente. E n'um relance o Fidalgo reconheceu aquelle caçador que já uma tarde no logar de Nacejas, ao pé da Fabrica de Papel, o cruzara, lhe roçara a espingarda pela perna, o mirara com insolencia, e parado depois sob janella d'uma rapariga bonita de jaqué azul, o chasqueara, em quanto elle descia a ladeira!... Era esse! Como se não notasse o ultrage Gonçalo bebeu apressadamente a sangria, atirou uma placa ao pobre Pintainho enfiado, e picou a fina egoa. Mas então da janella partio uma risadinha, cacarejada e troçante, que o colheu pelas costas como o silvo d'uma vergasta! Gonçalo soltou a galope. E adiante, sopeando a egoa, pensava: — « Quem será aquelle desavergonhado? Que fiz eu aquelle desavergonhado?... » E ao mesmo tempo todo se desesperava

contra aquelle desgraçado temor, mero espanto da carne, mero arrepio da pelle, que sempre, ante um perigo, uma ameaça, um vulto surdindo dumã sombra, o estonteava, o impellia furiosamente a abalar, a escapar!... Por que á sua alma, Deus louvado, não faltava arrojo! Mas era o corpo, n'um espanto, n'um arrepio, n'um abandonado desmaio de toda a dignidade, que fugia, arrastava a alma e se safava, em quanto dentro a alma bravejava!

Entrou na Torre ainda humilhado, revolvendo um rancor immenso contra aquelle bruto de suissas louras, que elle denunciaria ao Cavalleiro e que enterraria n'uma enxovia! — Mas, logo no corredor, o Bento lhe mudou os pensamentos apparecendo com uma carta « que trouxera um moço da Feitosa... »

— Da Feitosa?

— Sim senhor, da quinta do Snr. Sanches Lucena que Deus haja. Diz que vinha de mandado das senhoras...

— Das senhoras!... Que senhoras?

Sem tarja de luto, a carta não era da bella D. Anna... Mas era da D. Maria Mendonça que assignava — « prima muito amiga, Maria Severim! » N'um relance a leu, colhido logo por esta surpresa nova, distraído da venda do Paintainho e da affronta: — « Meu querido Primo. Estou ha tres dias aqui com a minha amiga Annica, e como passou o mez inteiro do nojo, e ella já pode sahir, e até precisa porque tem andado fraca, eu aproveito a occasião para percorrer estes arredores que dizem tão bonitos, e pouco corheço. Tencionamos no Domingo visitar Santa Maria de Craquede, onde estão os tumulos dos antigos tios Ramires. Que impressão me vae fazer!... Mas, ao que parece, além dos tumulos erguidos no claustro, ha outros, ainda mais antigos, que foram arrombados no tempo dos Francezes, e que ficam n'um subterraneo, onde se não pode entrar sem licença, e sem que tragam a chave. Peço pois, querido Primo, que dê as suas ordens para que, no Domingo, possamos descer ao subterraneo, que todos affiançam muito interessante, por que ainda lá restam ossos e armas. Se na Torre houvesse uma senhora, eu mesma iria, para lhe faser este pedido. Mas não se pode, a um solteirão. Case depressa! D'Oliveira boas noticias. Creia-me sempre, etc. »

Gonçalo encarou o Bento, que esperava, muito interessado com aquelle assombro do Snr. Doutor:

— Tu sabes se em Santa Maria de Craquede ha outros tumulos, n'um subterraneo?

O assombro então passou para o Bento:

— N'um subterraneo?... Tumulos?

— Sim, homem! Além dos que estão no claustro parece que ha outros, mais antigos, debaixo da terra... Eu nunca vi, não me bembro... Também ha que annos não entro em Santa Maria de Craquede. Desde pequeno!... Tu não sabes?

O Bento encolheu os hombros.

— E a Rosa não saberá?

O Bento abanou a cabeça, duvidando.

— Também vocês nunca sabem nada! Bem! Amanhã cedo corre a Santa Maria de Craquede e pergunta na Igreja, ao sacristão, se existe o tal subterraneo. E se existir que o mostre no Domingo a umas senhoras que la vão para o visitar, á Snr. D. Anna Lucena, e á Snr. D. Maria Mendonça, minha prima Maria... E que tenha tudo varrido, tudo decente!



Mas, voltando á carta, reparou n'um *Post-Scriptum* em letra mais miudinha, ao canto da folha: — « No Domingo, não se esqueça, a visita será entre as cinco e cinco e meia da tarde! »

Gonçalo pensou: — « É uma entrevista! » Entrou rapidamente na livraria. E, atirando para uma cadeira o chapeo e o chicote, ficou mergulhado no seu espanto e em complicadas imaginações... Sem duvida, era uma entrevista, bem clara, bem marcada! E talvez nem o subterraneo existisse — e a Maria Mendonça, com a sua prodigiosa espreiteza, o inventasse, como um natural motivo de lhe escrever, de lhe anunciar que no Domingo, ás cinco e meia, a bella D. Anna e os seus duzentos contos o esperavam em Santa Maria de Craquêde! Mas então gostava d'elle, realmente, essa D. Anna? E uma emoção, toda uma curiosidade voluptuosa, o atravessaram, á idea de que tão formosa mulher o desejava... Sim, mas certamente o desejava para marido — por que se o appetecesse para amante não se socorria dos serviços da D. Maria Mendonça, nem a prima Maria, apesar de tão dependente, tão sabuja com as amigas ricas, lh'os prestaria assim descaradamente, escandalosamente, como alcoviteira de comedia. E caramba! casar com a D. Anna — nunca!

Emfim, iria ou não, no Domingo, a Santa Maria de Craquêde? E então reflectio que nada conhecia da vida da D. Anna, nem da sua fidelidade ao velho Sanches. Na *Feitosa*, na solidão dos grandes muros da *Feitosa*, de certo fora excelente senhora — por que nunca sobre ella esvoaçara um rumor, em terriolas tão gulosas de rumores malignos. Mas em Lisboa?... Esses « amigos estimabilissimos » de que se ufanava o Sanches Lucena, o D. João não sei quê, o pomposo Arronches Manrique, o Philippe Lourençal com o seu cornetim, não aturavam tão fielmente aquelle par provinciano e desinteressante sem esperanças sobre o lindo corpo da D. Anna... Algum de certo a atacara — talvez o D. João, por dever tradicional do nome. E ella?... Por quem poderia elle conhecer esses annaes amorosos? — Caramba! pelo Gouveia! Pelo Gouveia, a quem uma irmã, casada em Lisboa com certo Sequeira, traductor de Magicas e redactor da *Verdade*, mandava sempre relatorios copiosos sobre todo as pessoas conhecidas d'Oliveira, de Villa-Clara, que se demoravam em Lisboa, e que interessavam o mano Administrador por Política ou curiosidade.

Depois do jantar largou para Oliveira. O Gouveia ainda n'essa noite, por cautella, permanecera em casa, mas com todas as janellas abertas, e fumando regaladamente os primeiros cigarros que lhe permittia o Dr. Venancio. Videirinha apparecera com o violão; — e, quando o Fidalgo da Torre, entrou ambos jogavam encarniçadamente uma partida de « damas », com o candieiro de pelroleo puxado para a borda da grande meza redinda. Gonçalo esperou, estendido no campé, percorrendo os jornaes de Lisboa. E logo justamente uma noticia da VERDADE, do *High-Life*, lhe forneceu o motivo bem ligado para esmiuçar a historia sentimental da D. Anna. A VERDADE annunciava discretamente que « se ajustara o enlace entre um cavalheiro da nossa primeira aristocracia com uma rica viuva da provincia, cuja belleza causava sensação quando vinha a Lisboa »... Depois, relendo a noticia, pensou, e com

um despeitozinho vivo, que essa viuva, assim rica bella, causando sensação em Lisboa, bem poderia ser a D. Anna...

— Voces não acabarão com essa massada das damas? exclamou, impacientado.

Pancada triumphal d'uma pedra! e a partida findara com a derrota humilhante do Videirinha Gouveia, apertando os cordões lassos do robe de chambre, perguntou aos amigos se desejavam chá com torradinhas, ou marmellada com vinho do Porto. Gonçalo reclamou as torradinhas — sempre deliciosas em casa do Gouveia. Depois, mostrando o jornal:

— Estava ardendo por vos contar... Vem na *Verdade* uma noticia que me parece transparente, é que é estupenda...

Leu. E pasmou que o Gouveia não adivinhasse a viuva:

— é a D. Anna Lucena! E o homem um vago parente meu, ao que parece, um D. João Pedroso, ou da Pedrosa. Muitas vezes o Sanches Lucena me fallou n'elle... Conviviam muito em Lisboa... E percebi até que, quando se alludia a esse D. João, a D. Anna corava...

O Gouveia passeava pela sala, acariciando outro cigarro:

— Não pode ser! A D. Anna não ajustava casamento seis semanas depois de lhe morrer o marido... Olhe que o Lucena morreu nos começos de Julho, homem! Ainda não ha seis semanas! Ainda nem teve tempo de se acostumar á sepultura!

— Sim, com effeito, tem você razão! murmurou Gonçalo.

E sentio uma doce baforada de vaidade, pensando que, seis semanas depois de viuva, ella, sem resistir, calcando toda a decencia, lhe offerencia a elle uma entrevista, nas poeticas ruinas de Craquêde. Depois, relanceando novamente o jornal:

— Pois imaginei. A noticia encaixa tão bem! Viuva rica, formosa, fazendo sensação em Lisboa... E algum me contou, não sei se com verdade, que esse D. João se atirava valentemente, e que ella...

— Mentira! atalhou o Administrador, debruçando sobre a chaminé do candieiro para accender o cigarro. Mentira! Sei perfeitamente, e por bom canal... Emfim, sei por minha irmã! Nunca, em Lisboa, a D. Anna deu azo a que se rosnasse. Muito seria, muitissimo seria. Esta claro, não faltou por lá maganão que lhe arrastasse a aza tanguida... Sobretudo os amigos do marido, segundo a boa lei natural. Mas ella, nada! Nem olho de lado! Esposa romana, meu amigo, e dos bons tempos romanos.

Gonçalo torcia o bigode, muito attento. E o Gouveia, no meio da sala, com um grande gesto convencido e superior:

— Nem admira. Estas mulheres muito formosas são insensiveis. Bellos marmores, mas frios marmores... Não, Gonçalinho, á para sentir, para a alma, e mesmo para o resto, mulheres pequeninas, magrinhas, escurinhas! Essas sim!... Mas esses grandes mulherões, do genero Venus, só para vista, só para museo.

Videirinha, sentado junto da varanda, com o violão, já preparado para os descantes chorosos, confessou o seu assombro:

— Pois a Snr.<sup>a</sup> D. Anna, assim casada com um velhote!...

— Ha mulheres que gostam de velhotes por



que ellas mesmas teem sentimentos velhotes! atalhou o Gouveia, de dedo erguido, com immensa authoridade e immensa philosophia.

Mas a curiosidade de Gonçalo não se contentava. E na *Feitosa*? Nunca se fallara d'alguma aventura escondida? Parece que houvera um namorico com o Dr. Julio... — O Fidalgo inventava. Gouveia de novo, muito certo, repellio a « mentira ».

— Nem na *Feitosa*, nem em Oliveira, nem em Lisboa... De resto, é o que eu lhe digo, Gonçalo! Mulher de marmore!

E depois, saudando, em submissa admiração:

— Mas, como marmore... Vocês, meninos, não imaginão a belleza d'aquella mulher decotada!

Gonçalo pasmou:

— E onde á vio você decotada?

— Onde a vi decotada? Em Lisboa, n'um baile do Paço... A até foi justamente o Lucena que me arranjou o convite para o Paço. Lá me espanejei, de calção... Uma semsaboria. E mesmo uma vergonha, toda aquella gente esfaimada, acavallada por cima dos buffetes, aos berros, a agarrar furiosamente pedaços de perú...

— Mas então a D. Anna?

— Pois a D. Anna uma belleza!... Vocês não imaginam!... Santo nome de Deus! que hombros! que peitos! que braços! E a brancura, a perfeição... De endoidecer. Ao principio, como havia muita gente, e ella estava lá para um canto, e acanhadota, não fez sensação. Mas depois, lá a descobriram. E eram correrias, magotes embasbacados... E « quem será? » E « que encanto »! Todo o mundo perdidinho, ate o Rei!

Parou, esfalfado da sua loquacidade, do seu entusiasmo, palpando logo a garganta com receio. E Videirinha, acerceou a cadeira, em confidencia, para trazer tambem a sua informação:

— Pois, Snr. Doutor, eu, o que posso dizer, é que a Snr.<sup>a</sup> D. Anna é uma mulher muito aceada, muito lavada...

E como ambos s'espantavam, rindo, de uma certeza tão intima — Videirinha contou que todas as semanas mandavam da *Feitosa* á botica do Pires comprar tres e quatro garrafas de agoa de Colonia...

— É aquella receita do Pires... O Snr. Dr. não gosta... Mas é uma receita antiga, portugueza, muito perfeita. E o Pires emprega boas drogas, distilla bem... Pois até elle dizia sempre, a esfregar as mãos, que na *Feitosa* regavam as terras com agoa de Colonia! Depois é que soubemos pela creada. A Snr.<sup>a</sup> D. Anna toma todos os dias um grande banho, que não é só para lavar, mas para prazer. Fica uma hora dentro da tina. Até lê o jornal dentro da tina... E em cada banho, zas, meia garrafa d'agoa de Colonia... Já é luxo!

Então Gonçalo sentio como um estranho tedio de todas aquellas revelações do Administrador, do ajudante da Pharmacia, sobre os decotes e as lavagens da linda mulher que o esperava entre os tumulos dos velhos Ramires. Saccudio o jornal com que se abanava, exclamou:

— Bem! E passando agora a cantiga mais seria... Oh Gouveia, você que tem sabido do Dr. Julio? O homem trabalha na eleição?

A creada entrava com a bandeja do chá. E em torno da mesa, trincando as torradas famosas, conversaram sobre a Eleição que o Gouveia considerava triumphal para o Fidalgo — e o sobre o

Dr. Julio que o Videirinha encontrara nos Bra-vaes, correndo as portas. Pedonchando votos, acompanhado por um môço que carregava com a machina photographica. Depois do chá, em quanto o Videirinha dedilhava uma *petenera*, Gouveia e Gonçalo ainda se enfronharam n'uma partida de damas. As onze horas sentiram na rua o vozeirão lento do Titó. O Fidalgo correu á janella para o chamar, — mas o Titó que recolhia com o Manoel Duarte, depois de um divertido loto em casa da D. Casimira, não queria mais noitada por que de madrugada o Ribas e elle partiam para a Alagõa, caçar os patos bravos.

E finda a partida, Gonçalo recolheu á Torre sem que o Videirinha n'essa noite o acompanhasse — por que tambem esse de madrugada partia para Oliveira, a trocar na loja dos Emilios dois pares de sapatos brancos de praia, que não serviam á patroa, a D. Josepha Pires.

E, pela estrada da Torre, o pensamento de Gonçalo saltou logo, irresistidamente para os decotes da D. Anna, e para os languidos banhos em que ella se esquecia lendo o jôrnal, escondida na agoa que a abundancia dos perfumes tornava opaca. Por fim, que diabo! aquella D. Anna assim tão honesta, tão perfumada, tão maravilhosamente bella, só apresentava dous defeitos reaes — a voz papuda e o pae carnicheiro. Mas a voz... Talvez essa voz que o arripiara ne Bica-Santa não fosse a sua voz verdadeira, d'intimidade, mas a voz affectada, de cerimonia... E depois mezes de convivencia habitua ás vozes mais desagradaveis — e elle mesmo agora nem percebia quanto o Manoel Duarte era fanhoso! Defeito inalteravel realmente só o pae carnicheiro. Mas quem se poderia gabar de não ter entre os seus milhares d'avós, ate Adão, algum avô carnicheiro? Para o encontrar bastaria mergulhar, rebuscar profundamente no Passado. Elle, o maior fidalgo de Portugal, d'uma casa de Reis d'onde irradiaram Dynastias, certamente possuia algum antepassado carnicheiro. Que o carnicheiro apparecesse medonhamente logo na primeira geração, ou que apenas surgisse, esfumado, n'um remotissimo seculo, entre os trizezimos avós, — la estava, com a faca, e o cepo, e as postas de carne, e as nodoas de sangue no braço suado!...

E este pensamento não o largou até á Torre — nem ainda depois á janella do quarto, acabando o charuto, escutando o cantar dos ralos. Já mesmo se deitara, e as pestanas se lhe cerravam, e ainda sentia que os seus passos se embrenhavam para traz, para o escuro passado da sua casa, abra-vez de Historia, procurando o carnicheiro. Era já para além dos confins do Imperio Visigodo, onde reinava, sobre um trono sarapintado, com um globo d'ouro na mão, entre as pregas do manto d'arminhos, o seu barbudo avô Recesvinto... Esfalfado, arquejando, deixara as cidades cultas, provoadas de homens cultos — penetrara nas florestas. Já crusara vagos Ramires, hirsutos, vestidos de pelles. Outros surdiam de tocas baixas, arreganhando grandes dentes esverdeados para sorrir ao neto que passava. Por fim chegara aavez d'ermos, sob tristes silencias, a uma lagoa enevoadada. E á beira da agoa limosa e morta, entre os canaviaes, um homem monstruoso, pelludo como uma fera, agachado no lodo, partia, a grandes golpes do machado de pedra, postas de carne hu-



mana. Era um Ramires. Por cima voava o açor negro. E logo, d'entre a neblina da lagoa, elle acenava para Santa Maria de Craquêde, para a formosa e perfumada D. Anna, bradando, atravez

dos Imperios e dos Tempos : — « Achei o meu avô carnicheiro !

(Continua.)

EÇA DE QUEIROZ.

*Damos em seguida o excerpto da ILLUSTRE CASA DE RAMIRES que ficara esquecido no ultimo numero e que deve ser intercalado entre a decima e undecima linha da primeira columna da pagina 752 :*

— Chut! prima, chut! Hoje aqui, já está decidido, não se allude sequer a Politica... Está muito calor para Politica.

Ella soprou de leve com ar cansado. Ah, o calor! Que horrivel calor! Desde que chegara com aquelle vestido preto que « era o seu pallio rico », ainda não cessara de invejar a frescura do vestido branco da Gracinha...

— Está hoje linda, a Gracinha!

Gonçalo, dardejou os olhos para a irmã. Realmente linda, com uma iniquitacão mais refulgente nos olhos verdes, uma ondulaçào mais lustrosa nos magnificos cabellos apartados no meio e ondulado um sorriso mais aberto no humida alvura dos dentinhos perfeitos espalhando, toda ella, um fresco brilho de flôr regada e revivida apesar do enleio do acanhamento que quasi lhe immobilisava os dedos ao erguer a colher de praia dourada. E ao lado, muito direito, superiormente robusto e largo, com um peitilho reluzente como uma couraça e picado de duas saphiras, uma bella rosa branca desabrochada na lapella, o André, que recusara a sopa (oh, no verão nunca comia sopa!) dominava a mesa, tambem commovido, passando sobre os negros bigodes formosamente frisados, um lenço perfumado que Gonçalo lhe sentia de longe a essencia, heliotropo. Mas foi elle que, com um risinho esforço, desfez o embaraço, alludindo tambem ao horrivel calor, que lhe tornara tão agradável, agora ultimamente, durante dous dias, a frescura deliciosa de Cintra. D. Maria Mendonça, adocando os espertos olhos para o Snr. Governador Civil, desejou noticias de Cintra. Animado, Setiaes? Encontrara a Condessa de Chellas — a prima Chellas?... Sim, na Penha — na sua visita á Rainha, Cavalleiro, avistara, durante um momento, a Snr.<sup>a</sup> Condessa de Chellas...

— Ah! e a Rainha?...

— Oh, sempre encantadora...

A Snr.<sup>a</sup> Condessa de Chellas, essa um pouco magra. Mas tão amavel, tão fina, tão verdadeiramente *grande dame*... E como se voltara para Gracinha, com uma doçura infinita no simples mover da cabeça, ella, logo perturbada, mais vermella balbuciou que tambem não conhecia a Condessa de Chellas. Então a D. Maria Mendonça accusou aquella indolencia dos primos Barrolos, sempre encafuados no largo d'El-Rei, sem nunca passarem dois meses d'inverno, em Lisboa, para conviverem, conhecerem os parentes...

— E a culpa é do primo José que detesta Lisboa... Oh não! o Barrolo não detestava Lisboa! Se podesse levar para Lisboa a sua casa, e as suas commodidades, e o seu quarto de vestir, e a sua cocheira, e a boa agoa de pomar, e a rica varanda sobre o jardim -- bem até se regalava! Mas entalado n'aquelles quartinhos do Bragança, com uma comida horrivel n'um constante barulho, — nunca! O Cavalleiro sorria para o Barrolo, como enlevado na sua graça e razão... Depois confessou que elle, apesar de habitar tambem largamente, e gozar tambem uma agoa excelente, a famosa agoa do Poço de S. Francisco, lamentava que os deveres de Politica, a disciplina de Partido, o prendessem ao Casarão do Governo Civil e a Oliveira... Toda a sua esperanza agora era a queda do Ministerio, para elle se libertar, passar tres meses divinos em Italia... — E a Snr.<sup>a</sup> D. Graça não permittia que elle a servisse d'um pouco de vinho branco?

Então o Barrolo estendeu o braço, com alvoroçado interesse :

— Oh Cavalleiro! eu tenho empenho em que Você prove esse vinho com cuidado... É da minha propriedade do Corvello... Faço muito gosto n'elle. Mas prove com attenção!

S. Ex.<sup>a</sup> provou com devoçào, como se commungasse. E com uma cortezia grave ao Barrolo que reluzia de gosto :

— Uma delicia! uma verdadeira delicia!



DIOGO ABSALÃO (encostado à sua bicycleta). — Olhe, amigo Jefferson, correm pelo club uns boatos pouco lisongeiros sobre umas conquistas que vossê anda a fazer ultimamente...

THOMAS JEFFERSON (com indignação). — Meu caro Absalão, vossê hade permittir que eu não dê importancia a esses invejosos; são naturalmente intrigas de gente de carapinha.



D<sup>r</sup> ROBERTS. — V. Ex.<sup>a</sup> comprehende que na minha idade preciso achar uma affeição sincera, que garanta ao mesmo tempo uma compensação *solida* para as luctas da vida...

M<sup>l</sup><sup>l</sup> HELENA (45 annos). — Oh! meu caro doutor a sinceridade do meu amor será eterna, e quanto à compensação *solida* que deseja, declaro-lhe com alegria que tenho excellente saude e peso oitenta kilos...





**J. COSTA & C<sup>o</sup>**

**BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS**

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

( PRÈS DE LA RUE ROYALE )

**PARIS**

TÉLÉPHONE

**ESPINGARDAS DE CAÇA**

Carabinas de Escola. Revolvers de 1<sup>a</sup> qualidade

**A. GUINARD**

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica  
da casa Guinard

**ENXAQUECAS E NEURALGIAS**

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um accesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicas*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a *extenuação resultante da fadiga, do trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

**MUSICA PARA PIANO**

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

	LIT.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola . . . . .	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i> . . . . .	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i> . . . . .	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. <b>FREDEGONDE</b> , Aria do bailado n <sup>o</sup> 1. . . . .	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas. . . . .	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i> . . . . .	1 35
MARECHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i> . . . . .	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella . . . . .	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado . . . . .	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka . . . . .	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses</i> de <b>KERMARIA</b> . . . . .	1 70
— <i>Musette et biniau</i> . . . . .	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa . . . . .	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero . . . . .	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i> . . . . .	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE  
Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.



**OS MAIS SOLIDOS**

**OS MAIS LEVES**

**OS MAIS RAPIDOS**

**OS MAIS BARATOS**

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

**EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :**

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO

A MAIS ALTA RECOMPENSA  
DADA AOS ADUBOS

MEMBRO DO JURY  
DE RECOMPENSAS

**SOCIEDADE ANONYMA**

DE

**PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS**

Sede social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

**ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)**

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.

— cacoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda soore titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA  
EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

**30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).**

**15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).**



Passat. n.º 24



# MATHIEU-DEROCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

## O INCOMPARAVEL SABONETE **MONKEY BRAND**

*Sem Rival para limpar toda a especie de metal*

*Renova completamente dando o lustro primitivo*

O SABONETE **MONKEY BRAND** FABRICADO POR **BROOKE'S**

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

**MABY & C<sup>o</sup>**  
Successores de RENIER frères

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

*Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições*

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.  
Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai

**MABY & C<sup>o</sup>**

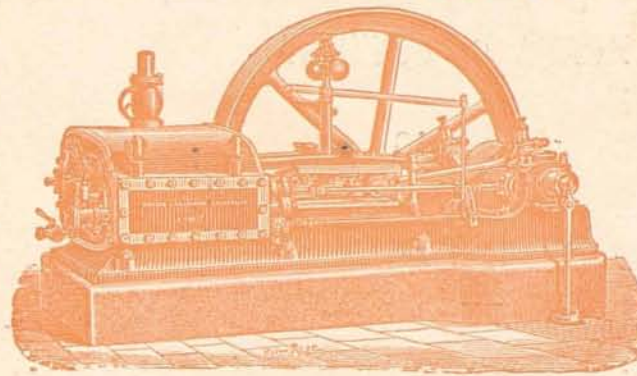
ANTUERPIA  
38, Rue du Quai



# COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000  
Fundos de reserva : 1.036:653\$758.

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.



FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE  
MACHINAS PRIVILEGIADAS :

Secador de café : AUGUSTO RAMOS.

Descascador de café : EUGELBERG SIBILIANO.

Despolpador de café : MECANICA

Separador de arma : AVIGNON.

Catador de café : MANFREDI.

Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI.

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C<sup>o</sup> L<sup>d</sup>**, **RICHARD HONRSBY et SONS L<sup>d</sup>** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escritorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escritorio Central : Rua 15 de Novembro, n<sup>o</sup> 36

**SÃO PAULO**

## CAVALLOS E CARROS DE LUXO

TÉLÉPHONE  
N<sup>o</sup> 51355

# DEMARS

TÉLÉPHONE  
N<sup>o</sup> 51355

27, Rua Cardinet, 27

PARIS



Recebe-se animaes  
em pensão



27, Rua Cardinet, 27

PARIS



Recebe-se animaes  
em pensão



EQUIPAGENS DE LUXO PARA PASSEIOS E SOIRÉES

Alugueis de carros particulares por dia e por mez

SERVIÇO E MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM — PREÇOS MODERADOS

Le Gérant : FERRÈRE.



# Vestidos e Enxovaeç

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13  
Rue  
du  
Helder  
PARIS



13  
Rue  
du  
Helder  
PARIS

Creadora, *breveté*, dos  
bellissimos vestidos com  
flores pintadas; o maior  
sucesso das toilettes no  
Grande Prix de 1898



Sylvie e Jeanne BOUÉ

## VESTIDOS

de lã forrados  
de seda para passeios  
e visitas por preços  
moderados



## Pelerines e Collets

simples et luxuosos



## Toilettes para Bailes e Recepções

de uma elegancia  
completa e acabadas com todo o esmero



Contramestra inexcédível  
sahindo de uma das principaes casas da Rue de la Paix.  
Bellos salões de exposição e para provar.

## MODELOS INEDITOS



Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13, Rue du Helder, 13 - PARIS